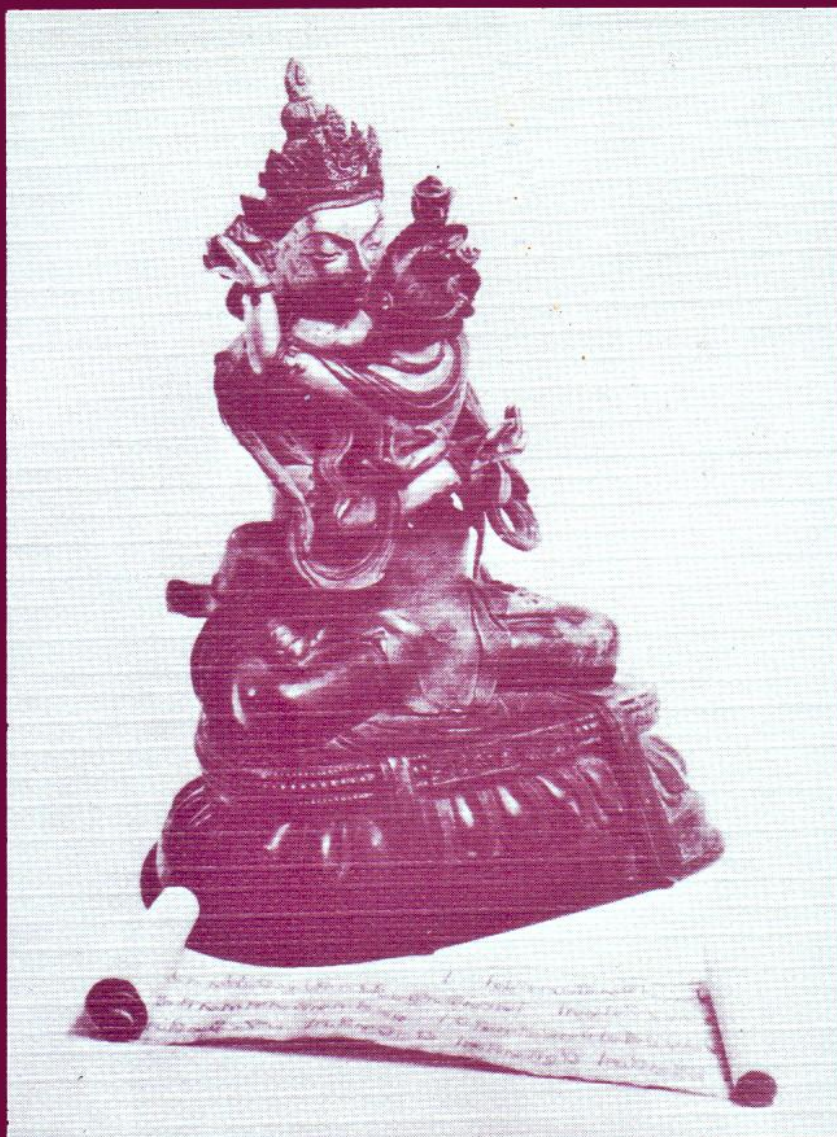




Murillo Nunes de Azevedo

INTRODUÇÃO AO TANTRA

Pensamento



MURILLO NUNES DE AZEVEDO

INTRODUÇÃO AO TANTRA

EDITORA PENSAMENTO
São Paulo

Capa: Vajrasattva e Prajnaparamita na posição Yab-Yun. Bronze tibetano do século XVIII. Representa o encontro dos opostos. A fusão do masculino com o feminino, do positivo com o negativo. O mergulho no Eterno. No Eterno Agora.

SUMÁRIO

<i>Advertência</i>	05
01 Primeira Aproximação ao Desconhecido	06
02 O Universo Como Poder	13
03 Os Universos Paralelos	19
04 Os Três Segredos	25
05 O Poder do Som	30
06 Os Poderes Latentes	37
07 Como Funciona a Prática	42
08 Técnicas de Meditação	50
09 O Treinamento	56
10 As Mandalas	59
11 A Ciência do Divino	63
12 Invocação de Entidades	68
13 O Tantra Prático	73
<i>Bibliografia</i>	76

Índice das Figuras

1. Divindades tibetanas na posição Yab-Yun	15
2. Kobo Daishi: o fundador da Escola Shingon no Japão	17
3. Vajra: o símbolo do poder	27
4. Purbhu: o punhal mágico	27
5. Moinho de orações do Budismo tibetano	28
6. Diversos tipos de rosários	28
7. Relicário tibetano	28
8. Sinos tibetano e japonês	29
9. A deusa hindu Saravasti	31
10. Músicos tibetanos	33
11. Trompa para ritual	34
12. Krishna	35
13. Divindades hindus	45
14. Yakushinyorai: o Buda médico do Japão	46
15. O talismã japonês: Omamori	47
16. Caligrama: o poder da letra	48
17. Transe em ritual tibetano	48
18. Mudra: o poder do gesto	53
19. Dança tibetana	54
20. Mandala: o poder da forma	59
21. Yantra: o poder da essência	61
22. Amida: o Buda da sabedoria e da compaixão	75

AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar meus agradecimentos a todos os que direta ou indiretamente me ajudaram a tornar uma realidade esta obra; aos meus alunos, que pacientemente gravaram e transcreveram uma série de conferências feitas sobre o tema; aos que me estimularam para que publicasse, um dia, anotações contidas em vários cadernos resultantes de pesquisas; aos Profs. Yusho Myassaka, Ricardo M. Gonçalves, Eikan Ikeguchi, Eishin Yamamoto e, especialmente, a Jayme Sanz Yeboles e Motoko Tomita Yeboles, que perderam horas fotografando as peças que ilustram este texto.

ADVERTÊNCIA

"Ó homens! Ó impotentes mortais! Tremei diante da vossa temeridade quando, cegamente, aspirais ciência tão profunda. Elevai vossas almas da sua limitada esfera e aprendei comigo que, antes de começar algo, é necessário que vos torneis firmes e imóveis, além de escrupulosamente atentos na observação exata, passo a passo, de todas as coisas que vos contarei. Sem essas precauções, cada operação se tornará numa desvantagem para nós, nascendo daí a confusão e a total destruição. Enquanto, ao contrário, seguindo minhas instruções com precisão, vos elevareis da vossa insignificância e pobreza, alcançando um completo sucesso em todas as vossas atividades. Armai-vos, pois, com intrepidez, prudência, sabedoria e virtude, como qualificações básicas para a realização dessa grande e ilimitada obra na qual passei 67 anos trabalhando, noite e dia, até alcançar o sucesso em tão sublime OBJETO."

Estas palavras foram retiradas de um velho texto medieval chamado "O Grande Grimoire". E servem perfeitamente hoje, séculos depois, de advertência aos que pretendem trilhar o perigoso caminho da prática do Tantra.

PRIMEIRA APROXIMAÇÃO AO DESCONHECIDO

"Despertai Desperta, ó adormecido,
na terra das sombras. Desperta!
Expande-te!"

William Blake

Este é um território desconhecido sobre o qual muito tem sido falado e escrito, mas tudo o que foi revelado é apenas o limiar, a casca, a rama daquilo que não pode ser comunicado. Pode parecer enigmática esta apresentação, mas o Tantra é um dos assuntos menos conhecidos no Ocidente. Tantra é uma palavra sânscrita composta de duas outras: "Tan", que significa desenvolver, crescer; e "Tra", que é instrumento, ferramenta. Este mesmo sufixo "tra" é encontrado nas palavras *mantra* e *yantra*. No caso da palavra *mantra*, temos "*man*" = pensador, pensamento e "tra" = instrumento. Em *yantra* é estabelecida uma conexão com a forma. Mantra e yantra são, pois, ferramentas utilizadas pelo Tantra.

É válida, neste início, uma referência àquele que teve a coragem de abrir aos ocidentais esse território desconhecido: Arthur Avalon, pseudônimo de alguém que na vida real se chamou John Woodroffe, um Juiz da Alta Corte da Índia que, no fim da sua vida, recebeu o título de *Sir*. Antes dele, a palavra Tantra era compreendida pelos ocidentais como sendo sinônimo de superstição, magia, rituais sangrentos e de fundo sexual, orgias, estando portanto ligada ao vício, à depravação. Mas o Tantra é alguma coisa extraordinariamente pura, reta, mas também admite caminhos que, para nós, parecem escusos. Eu diria que o Tantra é um imenso oceano cheio de abismos onde vivem estranhos seres. Em primeiro lugar, a noção do bem e do mal é uma noção fomentada e estruturada nas sociedades através dos tempos, principalmente no Ocidente. Do ponto de vista do absoluto, nada é bom ou mau. Todas as coisas são apenas o que são. Para o bacilo de Koch, um pulmão arruinado é o bem supremo. Do ponto de vista do tuberculoso, é um mal que terá que ser combatido a qualquer custo. Temos de compreender, à medida que nos preparamos para essa aproximação ao desconhecido, que a noção do bem e do mal é profundamente relativa e, como tal, o adepto do Tantra não se coloca nunca num ponto de vista estático. Esta definição mostra o perigo do terreno escorregadio e a razão de o ensinamento ser secreto. Quando somos destituídos de julgamento do bem e do mal, quando consideramos apenas as coisas como elas são, estamos sujeitos a comportamentos anti-sociais, a chocar-nos contra tudo o que foi estabelecido pelo consenso da maioria, tentando destruí-lo. O Tantra mostra realmente a Natureza tal qual ela é. Ela não é boa nem má. Apenas "é". O conceito do bem e do mal é relativo, puramente humano. Se temos na Natureza a presença dos animais e dos vegetais, que lutam pela sobrevivência, há uma secreta razão de ser nesse processo. No Universo nada está sujeito a leis humanas. Tudo o

que acontece tem sua razão de ser. O sofrimento não é bom nem mau. E. O mesmo acontece com a alegria. A visão despersonalizada do Universo é característica da visão tântrica. Logicamente, os missionários ingleses da Índia sentiram-se chocados diante desta visão, profundamente diferente da moral cristã, principalmente a vitoriana, que vigorava naquele período, quando o Tantra começou a ser conhecido do mundo ocidental.

O Tantrismo, ao mesmo tempo, está ligado a toda uma série de regras ritualísticas e de atitudes que parecem profundamente ilógicas para nós. Por exemplo, o chamado rito dos cinco *Ms*, e uma série de outros purificadores, parecem ao ocidental completamente sem razão de ser. Logicamente, o homem não preparado diante deles, com suas palavras sem sentido lógico e seus gestos "absurdos", não compreende a sua significação profunda. Quando está diante dos desenhos de uma Mandala, a coisa ainda fica pior. O Tantra, sendo por excelência uma disciplina a-lógica, a-razional e que busca, em última análise, o desenvolvimento de poderes latentes, não é compreendido por qualquer um. Um tanto pior se a mente estiver baseada nos princípios de Descartes, na lógica, em todo o formalismo da comunicação convencional. Esta é a razão principal pela qual os ocidentais não compreendem o Tantra. Muitos anos se passaram, estudos profundos foram realizados, muito se fez para o desenvolvimento da Física atingir o estado nuclear e para que a teoria da indeterminação pudesse ser formulada, atingindo com Einstein uma nova visão do Universo, para que pudéssemos começar a entender o sentido profundo do Tantrismo.

O leitor encontrará, no final deste livro, uma série de indicações bibliográficas. Cito, em primeiro lugar, o trabalho de Arthur Avalon, cuja obra é digna de ser lida, apesar de estar focalizada somente num ângulo da visão tântrica: a tradição hindu. O Tantra abrange, também, outros universos como é o caso do extenso mundo budista. Vamos encontrar suas raízes firmemente plantadas em sociedades primitivas como, por exemplo, o Xamanismo. Portanto, Avalon é uma autoridade pioneira, tal como Freud, no campo da pesquisa da alma humana. E assim, como em Freud, encontramos em Avalon algumas limitações naturais de quem se acha diante de um território desconhecido e tem de traduzir em palavras o que vê. Outra limitação decorre do fato de Arthur Avalon não ser hindu. Ele teve de receber, portanto toda instrução através da leitura, de entrevistas com membros da tradicional sociedade indiana, sempre reticente em assuntos religiosos. Estamos diante de um caso típico de um conhecimento de segunda mão. Mas, apesar disso, importantíssimo para o Ocidente. Depois dele, inúmeros outros têm escrito sobre o assunto. Há, por exemplo, Julius Evola, um autor italiano contemporâneo, que dedicou parte da sua longa vida ao estudo do Tantra e da Alquimia, que são na verdade assuntos muito ligados. No seu livro clássico *La Yoga della potenza*, analisa o Tantra e mostra a sua presença nas sociedades ditas "primitivas", que ele prefere cognominar de "tradicionais". Demonstra que o chamado Tantra é uma maneira de pensar e, mais do que isso, uma maneira de *agir* do homem diante do mundo, face ao desconhecido. Essa maneira de pensar e agir encontra-se presente em todo o mundo. É possível identificar sua presença nas antigas tribos das Américas do Norte e do Sul, bem como na África ou na Oceania. Há, por exemplo, na obra de Carlos Castaneda, uma abordagem a essa maneira de ser. Como também, há o mesmo sentido no Orfismo e nos mistérios da Grécia ou na tradição iniciática do Egito de Hermes Trismegistos, bem como nas primeiras civilizações pré-arianas da Índia. A história da Índia é

caracterizada pela grande civilização dos povos ários vindos do norte da Ásia Central, ocorrida em vagas sucessivas, a partir dos 5.000 anos antes da nossa era. E, segundo outra tradição oral mais antiga, esse acontecimento está remotamente perdido num passado indistinto. O fato é que um povo de raça branca, de grande estatura, falando um idioma completamente diferente dos existentes, irrompeu nas planícies indianas trazendo consigo seu gado e seus costumes. Essas hordas sucessivas encontraram, entretanto, civilizações de elevado florescimento no vale do rio Indus. E o caso de Harappa e Mohenjo Dharo, localizadas hoje no Paquistão. Essas civilizações já possuíam um alfabeto, construíam silos e Cidades dotadas de água encanada e de banhos públicos. Nota-se, também, a presença de personagens nas posições da Yoga clássica. Esses povos são conhecidos como dravídicos. Eram do tipo negróide, de baixa estatura, e sua linguagem, que ainda hoje constitui a base de idiomas e dialetos do sul da Índia, diferia totalmente do sânscrito trazido pelos arianos. Para Julius Evola, já se pode identificar nesse segmento mais profundo da Índia a presença do Tantrismo. Aí está a sua raiz-mãe.

Com essas rápidas considerações, podemos concluir que o Tantra é encontrado em *todas* as sociedades nos seus estágios primitivos de desenvolvimento. Quando é mencionada a palavra "primitivo" não se quer dizer que essas sociedades sejam destituídas de desenvolvimento espiritual. O homem "primitivo" é mais aberto ao mundo do espírito, a realidade, do que nós, ocidentais, falsamente auto-intitulados de "desenvolvidos". Essas sociedades primitivas são muito ligadas às estações do ano, aos elementos naturais: à água, ao ar, à terra e ao fogo. Outro fator importante, que não pode ser esquecido, é a rarefação demográfica do mundo antigo. A população era muito esparsa na face da Terra, e ao homem era oferecida a possibilidade dos grandes silêncios e do isolamento. E não há nada melhor para uma profunda compreensão do mundo exterior e interior, da realidade da Natureza, do que esse grande silêncio. O silêncio dos sentidos e, principalmente, o silêncio da mente que, se não existir torna impossível a compreensão do Real. Esta é a grande barreira que terá de ser vencida se verdadeiramente queremos encontrar o que está além da palavra e do pensamento.

Todo mundo tântrico aspira atingir esse estado onde a palavra não alcança e o pensamento é impotente. O Tantra é constituído de uma série de práticas, rituais e atitudes que buscam a *vivenciação* do aqui e do agora; de algo de que nós ocidentais, perdemos o contato por completo: a consciência. Essa perda decorre do fato de estarmos sempre voltados para o passado, de onde vem o nosso mundo, que chega até nós deformado por sucessivos prismas. Ou vivemos projetados num futuro, também totalmente irreal. Vivemos sempre na expectativa, sempre numa projeção do passado. E perdemos por completo, estamos totalmente cegos pela presença desse aqui e desse agora, do Eterno; do que não pode ser expresso por palavras e não pode ser visualizado, mas sentido. Faço questão de que isso seja expresso claramente no primeiro capítulo do livro porque essa, para mim, é a "chave" do Tantra. Tudo o que será revelado nos capítulos subsequentes dará, apenas, uma pálida vivência a respeito da experiência direta que cada um deverá ter.

Julius Evola em *La Yoga della potenza* tem uma frase que caracteriza muito bem o Tantrismo: "O tantra não é leite para crianças" pois é uma bebida extraordinariamente forte e que exige homens com uma formação, com uma disposição não só física como psíquica, capaz de suportar a "dose". Cada frasco tem uma certa capacidade para conter

um líquido. Mas quando esse líquido é fogo vivo, esse frasco terá de ser preparado para poder contê-lo. Não pode ser qualquer um, sob pena de ser destruído. Esta é uma simples imagem. Mas o Tantra é, por excelência, o caminho do poder, da força, da energia. O Tantra é magia, magia operativa. É o desenvolvimento dos poderes latentes. É a transformação do homem profundamente adormecido, mecânico, em verdadeiro homem. O filósofo Friedrich Nietzsche dizia: "E preciso ter dentro de si o Caos para dar nascimento a uma estrela." Sob certos aspectos, é esse o treinamento que o Tantra procura desenvolver. Dar a origem, as condições de um verdadeiro Caos. Um Caos criado pelo abalo de todas as noções preestabelecidas, tais como as noções de tempo, espaço, lei moral, ética, e de todo aquele conjunto que nos molda e tolhe. E nos limita e classifica. Tudo isso é colocado à prova. Isso, entretanto, não quer dizer que o tântrico, aquele que realmente o pratique e o viva, seja um personagem totalmente amoral. Um pária, alguém que não se integra à Sociedade. Pelo contrário, ele permite essa adaptação ao máximo, só que o homem passa a ser uma criatura completamente livre dentro das estruturas sociais. Ele compreende que toda essa parafernália é ilusória e que, apesar de ter de desempenhar forçosamente um "papel" ou vários, na peça da vida, apesar de ser pai de família, marido, irmão e chefe, ele é, acima de tudo, um homem desperto.

Essa razão do desenvolvimento do poder é, exatamente, uma das causas principais de o Tantra ser pouco conhecido pelas pessoas. Seus ensinamentos são ocultos na sua essência, esotéricos, aos tolos. Mas o fato fundamental é que o Poder está dentro de nós. Nem imaginamos o que poderemos fazer se ele despertar. Existe, entretanto, uma possibilidade para tornar ativos esses poderes, possibilidade tão concreta como o chão em que pisamos. Existem fórmulas que permitem ativar o "fogo" adormecido. Mas, sendo esse um assunto profundamente específico, não pode ser dado em geral. O mestre tântrico sabe que cada homem é um universo à parte. Existem leis que são comuns ao Cosmo, mas cada ser particular tem uma resposta, uma predisposição, e necessita de um certo tipo de estímulo. Necessita, portanto, de um tratamento individual, pois nada é tão perigoso como distribuir armas às crianças. O Mestre conhece, profundamente, uma Lei que é básica no seu universo. Uma lei que, no Oriente, qualquer criança conhece e respeita: a Lei do Karma. Na Índia, os jainas, os budistas, os hinduístas falam dela. Todas as inúmeras seitas a admitem e aceitam como nós ocidentais admitimos e aceitamos a lei da gravidade. Devido a essa aceitação, devido principalmente à compreensão dos efeitos da Lei do Karma, o instrutor tântrico sabe da sua responsabilidade ao treinar, ao informar e ao transmitir ao outro alguma coisa que poderá mesmo destruí-lo. Todo aquele que ilusória ou irrefletidamente permite que o outro desenvolva um poder para o qual não está devidamente qualificado é passível, futuramente, de receber a contrapartida de toda a sua ignorância. O Tantra funciona segundo o princípio clássico do mestre e do discípulo, do guru e do cheia. No Tantrismo existe a chamada iniciação (Abhiseka), uma cerimônia na qual o discípulo, que foi treinado durante certo tempo e devidamente qualificado pelo seu instrutor, assume por ele uma responsabilidade permanente, até a morte do discípulo. Karmicamente, há uma ligação permanente entre mestre e discípulo. A iniciação é uma cerimônia profundamente simbólica, riquíssima de significação. Na prática tântrica, existe uma parte exotérica aberta ao público, e outra oculta (esotérica). A exotérica pode ser estudada, e é isso o que pretendemos fazer neste livro. Por exemplo, o que é o Mantra,

como funciona; as Mandalas e sua estrutura psíquica; as ressonâncias e seus efeitos; as correlações.

O relacionamento do mestre com o discípulo é fundamental no processo de transmissão do conhecimento. Há uma linha de transmissão que remonta ao passado mais remoto. Na linha tibetana, temos, por exemplo, a sequência Tilopa, a Naropa, a Marpa e a Milarepa. São quatro elos dessa cadeia que vêm até nós. O mesmo se encontra no Japão de hoje, onde, através da Escola Shingon, essa comunicação continua aberta. Como também no norte da Índia, graças à comunidade tibetana ali estabelecida. É interessante frisar que essa transmissão do conhecimento é a mesma encontrada nas Escolas de Mistérios do mundo tradicional. Nessas sociedades, a Religião era dividida numa face voltada para a multidão e numa outra partilhada apenas por uns poucos que demonstraram nas provas a sua dignidade. Temos, portanto, uma Religião "aberta" e outra "fechada". O fato é que no mundo antigo, havia uma separação muito grande entre os homens comuns, a plebe, a massa informe, e uns poucos que eram aceitos e submetidos a rigoroso treinamento. Na Grécia, temos nitidamente delineadas duas linhas de pensamento. A externa e a interna. Na linha interna, ela começa com Orfeu, passa por Pitágoras e chega a Platão e, daí, continua até atingir o mundo de Alexandria, com Ammônio de Saccas, Plotino, Jâmblico e outros do grupo chamado neo-platônico, no qual nasceu a Teosofia no século III da nossa era. Essa tradição continuou no mundo ocidental, apesar de abafada por uma religião profundamente baseada na ideia do poder e dissociada dessa tradição antiga. Infelizmente, o Cristianismo nascente dissociou-se da parte esotérica. E ficaram somente alusões, nos Evangelhos, da existência de "mistérios no reino dos Céus" e da importância dos "pobres" de espírito, das "criancinhas" (os neófitos aceitos). Os antigos procuravam colocar o homem nesse estado de pureza, de receptividade onde o sutil é revelado. Numa condição onde as "coisas" são vistas sem a deformação psicológica.

O Tantra continua, portanto, na Índia, como a antiga tradição do Egito. Os livros do egiptólogo grego S. Mayassis (vide Bibliografia) são um roteiro seguro para os que quiserem se aprofundar nesse tema. O curioso é a sobrevivência no Japão moderno dessa mesma tradição que cerca a recepção do neófito no templo. Por aí se deduz que o Tantra embebe o mundo numa estrutura única, semelhante à da água que existe no subsolo comum a todas as partes. Assim, apesar da civilização ocidental ter sido moldada no racionalismo greco-judaico-romano, a tradição antiga ainda subsiste nos subterrâneos da alma. Um dos grandes formadores da nossa civilização cristã foi Aristóteles, homem de grande inteligência que, segundo consta, nunca teve contato com a tradição iniciática mas a respeitava. Num dos seus textos ele afirma: "Esses homens nada dizem demais. Não falam coisas que nos maravilham. Parece que os mistérios não servem para uma instrução maior, mas os que foram envolvidos possuem um certo 'ar' que os distingue em relação aos outros." Ou seja, o homem é como que "tocado". É atingido, e com isso "desperta" e se torna diferente ao receber o toque. Porque, afinal, "acendeu".

Há uma outra forma para se definir o Tantra. Ela considera a palavra como significando "tratado" - livro. O Tantra seria, portanto, constituído por uma série de livros considerados básicos. Esses textos teriam sido transmitidos desde a antiguidade mais remota e persistido até os nossos tempos. Devo lembrar que essa ideia é encontrada na Índia, ligada à origem dos textos chamados Vedas. Eles constituem os livros sagrados desse oceano constituído de

600 milhões de seres e que durante milênios os consideram como sendo procedentes da revelação divina. Os Vedas, dizem eles, são Sanatana Dharma. São a Lei (Dharma) Eterna (Sanatana). Segundo a mesma tradição, eles originaram-se num passado remotíssimo, em outros períodos da manifestação cósmica. A concepção hindu tradicional do Universo está muito próxima da visão da moderna ciência. Segundo eles, o Universo se renova periodicamente nos chamados "dias" e "noites" de Brahma. Cada período dura 4,32 bilhões de anos. Enquanto isso, o Conhecimento divino não se perde, continuando infuso à espera de veículos apropriados que possam captá-lo. Eles são os Rishis, homens santos, mestres de Sabedoria que, graças a sucessivas encarnações, chegaram à perfeição dos seus corpos. Tornando-os aparelhos adequados à recepção desse Conhecimento acumulado das idades, os Rishis são os poetas, os artistas perfeitos que vibram unissonamente com a mensagem da eternidade. Todos aqueles que nesta vida, apesar da imperfeição dos seus veículos, são poetas e artistas sabem o que está sendo dito. O artista é por excelência o homem "*tocado*", possuído por algo que não é intelectual. Algo que vem, num relance, por trás de todo pensamento, como uma vivência, uma experiência direta da realidade. É essa a experiência reveladora do Rishi no máximo da perfeição. Os Vedas primeiro foram transmitidos da "boca ao ouvido", e só posteriormente foram escritos. A memória era uma qualidade das chamadas civilizações tradicionais. Algo que ainda pode ser constatado nas aldeias da Índia, do Ceilão ou da Tailândia, onde é possível encontrar pessoas que sabem de cor longos textos como, por exemplo, o Mahabharata. Havia, pois, no homem antigo, toda uma possibilidade de fixação, que foi sendo gradualmente perdida quando surgiu a escrita. Os Vedas possuem quatro divisões chamadas: Rig, Yajur, Sama e Atharva. O Rig consiste de uma série de hinos que relatam as lutas entre os arianos e os dravídicos. O Yajur, o Sama e o Atharva são toda uma série de informações sobre os rituais, com descrição das posturas, dos instrumentos, das palavras a serem pronunciadas e de toda uma série de detalhes de uma minuciosa liturgia, que se assemelha a uma verdadeira Química "oculta". Portanto, já encontramos nos Vedas a raiz do Mantra, da Mandala, do Yantra, das palavras, dos gestos e dos símbolos que movimentam forças da Natureza.

Aprofundemos um pouco mais a pesquisa relativa à sucessão de idades no mundo. Essa é antiga tradição da Índia, da Grécia e do Egito, tradição que nos fala da idade do ouro, da prata, do bronze e do ferro. O historiador Arnold Toynbee é, por excelência, um hindu quando menciona os ciclos históricos e suas repetições. Os hindus dizem que a história do mundo tem quatro fases bem caracterizadas. Uma primeira, que é chamada de Satya Yuga (equivalente à Idade do Ouro), onde todas as coisas estão no seu devido lugar e tudo é perfeito. Onde não há bem, nem mal, nem sofrimento. Onde há uma alegria perene e o medo da morte inexistente. Todas essas noções estão identificadas com a ideia de um Paraíso. Nessa Idade do Ouro, os homens viviam mil anos. Quando lemos na Bíblia a tradição de Matusalém e de outros seres que viviam 800, 900 ou 1.000 anos, estamos diante da mesma tradição antiga transportada pelos judeus da Babilônia e Caldeia. Os hindus dizem que depois nasce a Treta Yuga, período onde começa a decadência. O Homem começa a se afastar do Dharma, da Lei Divina, e principiam a nascer as primeiras manifestações do poder armado e do sacerdote. Seguem-se a Dvapara e Kali Yuga, onde a decadência, o afastamento do Dharma se acentua onde a violência e a injustiça campeiam. O Dharma decresce: passando de 1 para 3/4, 1/2 e 1/4. Em Kali Yuga, Idade do Ferro em que vivemos,

só 1/4 do Dharma está manifestado. É exatamente para este período crítico que o Tantra serve. Seus textos e práticas são adequados ao homem comum mergulhado no conflito. Para o homem que não é santo que é bom e mau simultaneamente, no furacão da vida de hoje. E a sua arma, a sua salvação.

O UNIVERSO COMO PODER

"O Universo vegetativo abre-se como
uma flor saída do centro da Terra,
onde está a Eternidade."

William Blake

A visão tântrica do Universo é que ele é Poder, Energia. Essa é, aliás, a visão moderna da Física. O "mundo" é Energia. Todas as coisas são concentrações de energia em diferentes graus de sutileza. Existe, portanto, uma escala de Poder e todo um processo de inter-relacionamento dinâmico que os hindus chamam de Adhistana. O homem, que conhece como esse inter-relacionamento se dá, está consciente do grande Oceano Universal da Energia e ele mesmo passa a ser mais uma fonte manifestada desse Poder. O Tantra pretende dar ao homem essa fonte inesgotável de poder e a possibilidade de atuação sobre os outros homens ou sobre outros seres, modificando as condições vigentes. Daí a correlação do Tantra com a Magia. Evidentemente, há duas linhas no Tantra. A chamada linha da mão direita e a da mão esquerda. Da Magia Branca e da Magia Negra. O que qualifica uma em relação à outra é o egoísmo ou o altruísmo. Tudo o que está manchado pelo ego, pela posse, pela aquisição de riquezas em proveito próprio é "negro". O contrário é "branco". Essa é a única diferença que existe, mas é uma diferença fundamental. Uma, visa a acentuação do "eu"; outra, a sua extinção.

Vamos examinar alguns aforismos, pensamentos que bem qualificam o Tantra:

1. "Escolhe sempre a linha de maior resistência." Essa diretiva pode parecer absurda ao ocidental, que está sempre pensando em conforto e tranquilidade. Para quê procurar a linha de maior resistência para subir uma montanha, se eu posso facilitar as coisas dando voltas? Mas o homem determinado, aquele que quer mesmo atingir a meta o mais rápido possível, segue a linha mais curta. A reta, a de maior resistência, não se importando com os espinhos. Por aí se deduz que o treinamento do candidato é duro, quase desumano, pois tem de prepará-lo para a grande escalada dentro de si mesmo.

2. "A medida exata de cada coisa, externa ou interna, é a Potência." Podemos então caracterizar qualquer coisa pelo poder, pela Energia que contém. O homem é medido pelo poder que possui ou pela possibilidade de produzi-lo. O que é que caracteriza o Sol? É o seu Poder, pois é graças a ele que uma série de planetas estão à sua volta. O que caracteriza o núcleo do átomo? É também o seu poder. O Universo é, pois, Poder em vários níveis. Quando analisamos esse Universo, vemos que esse Poder está distribuído hierarquicamente e não podemos nos afastar dele.

Uma das formas com que esse Poder atua em nós é sob a forma do Sexo. Neste ponto, o Tantra se chocou com todo o mundo puritano do século XIX devido à sua visão absolutamente moderna em relação ao sexo. Para o Tantrismo, trata-se de uma força

cósmica, um poder transmutador que não é bom nem mau. E que é indispensável pela própria razão da existência das coisas. Se a vida existe, é graças a essa permanente atração dos opostos. Em cada um de nós, como em tudo, estão os opostos. A energia positiva e a negativa, os dias e as noites, a atração e a repulsão. O que é isso senão a presença do mesmo poder mágico que aproxima o macho da fêmea? Sendo o sexo uma força cósmica, é um caminho para o desenvolvimento do homem. É certo que certas escolas tântricas adotam práticas sexuais de grupo no sentido de se obter uma integração coletiva. Quando se analisam as sociedades ditas primitivas, encontra-se o sexo ligado principalmente à agricultura. Sabe-se que, nas tradições antigas, a abertura do primeiro sulco na terra pelo arado era feita pelo rei com grande pompa em ocasiões escolhidas pelos astrólogos. Misturava-se, às vezes, o esperma real com o sangue da menstruação da rainha à terra. Isso iria trazer forças que propiciariam uma boa colheita. No mundo tradicional, o Rei é a corporificação do poder divino. Ele é o Sol, o pico da Montanha, daí o seu trono estar sempre colocado no alto. No seu aspecto cósmico, ele está projetado no centro da hierarquia do Governo Oculto do Mundo. Dele emana o poder da criação. O próprio ato sexual, o coito, é cósmico. Na tradição hindu Maitunya, é o encontro dos opostos em plano universal. O mundo é o resultado desse ato de amor. Do encontro do poder masculino com o feminino (Shakti). É muito comum na iconografia oriental a visão de entidades enlaçadas no ato sexual. No Tibete, esse tipo de representação é conhecido como Yab-Yun (Fig. 1). Na tradição indiana há uma trindade (trimurti) masculina composta de Brahma (criação), Vishnu (preservação) e Shiva (renovação), e outra complementar feminina constituída de Saravasti, Laksmi e Parvati. Na Índia, é enorme a posição atribuída à mulher graças ao Tantra. Shakti é fundamental, pois é o vaso, a terra que recebe a semente e a faz crescer. Para o Tantra, os poderes masculino e feminino são complementares e de igual importância. Idênticos e indispensáveis. A visão que o ocidental tem é deformada com ideias da identificação da mulher com o demônio, a luxúria, o prazer. Daquilo que desvia o eremita do seu caminho. O ato sexual é pecaminoso, a não ser para a geração de filhos. E coisas desse tipo. A perversão a exaltação do sexo, o erotismo nasceram dessa visão deformada da realidade cósmica. O famoso templo de Kajuraho, na Índia, atrai milhares de turistas com suas câmaras fotográficas para registrarem as inumeráveis posturas sexuais de homens e animais. Para o hindu ortodoxo essa "visão" nada tem de perturbadora, pois revela o Amor infinito que embebe a manifestação divina. Todos os seres humanos, animais, divinos, lá estão presentes no encontro dos opostos. O Templo é um visual que permite ao crente a percepção da realidade transcendente.

Símbolos tântricos são muitas vezes encontrados em representações budistas, onde se nota a presença do Sol e da Lua em cima da imagem do Buda.

Julius Evola é implacável com a ignorância pervertida do homem dito comicamente como sendo "civilizado". Para ele: "Nossos contemporâneos, com a potência condicionada de suas máquinas, assemelham-se a crustáceos. Se arrancarmos a casca desse homem, restará apenas, espiritualmente falando, uma substância mole, invertebrada, completamente desprovida de qualquer vida interior." Notamos isso quando observamos as pessoas, quando conversamos com elas e constatamos os seus pequenos interesses. O que domina é o "eu", os valores sensoriais das coisas. Seguem a vida num processo de atordoamento psíquico, que leva ao embrutecimento gradativo. Cogitações a respeito da

realidade transcendente, da morte, do jogo fascinante do karma, nada disso interessa. Fica para outra ocasião, para quando eu me aposentar, tiver tempo etc. etc.



*Fig. 1. Tibete. Vajrasattva e Prajnaparamita na posição Yab-Yun.
Bronze do séc. XVIII.*

O Tantra, que conhece profundamente os homens, apresenta uma classificação dos temperamentos humanos (bhava). No primeiro tipo, o degrau mais baixo da escada, a grande maioria é o chamado PAÇU. É aquele que nasce e é educado para obedecer. Pertence a um partido político ou tem simpatia por ele; tem um time de futebol, empolga-se com as grandes manchetes, fica preso à tela iluminada da televisão. Geralmente fica radicalmente contra ou favor de alguma coisa. É guiado pelos acontecimentos exteriores. Condicionado pelas atitudes coletivas. Engrossa as marchas de família ou os comícios. É auditório somente. É o cordeiro dos rebanhos que, entretanto, se julga totalmente independente. É o homem-manada, o feixe de reflexos condicionados milenares e que, dentro da sua pseudoliberalidade, é o sujeito mais escravo do mundo.

O segundo tipo dessa escala é o VIRYA. É o homem indisciplinado, revolucionário, contestador, que resolve tomar as rédeas nos dentes, o inconformado com as injustiças sociais. O grande reformador. Apresenta-se com nuances que vão desde o *punk*, o *hippie*, o guerrilheiro, até os pregadores de praça pública de estranhas filosofias de vida. Ou dos que largam todos os seus deveres sociais e partem para lugares distantes em busca do mestre de suas vidas. Para eles, a vida é um processo permanente de fuga.

O terceiro tipo é o BHAVA. Este já é diferente, pois considera o mundo, apesar dos seus conflitos, como a expressão de uma harmonia de ordem superior. Ele sabe que tem que ser profundamente "si mesmo" pois, cada um está "na sua". Vivendo em profundidade, procura influenciar os que sofrem à sua volta. É um homem muito ativo no seu equilíbrio de ordem superior. Participa de comitês de bairro, de sociedades que visam o aperfeiçoamento do mundo, procurando ser de certa forma útil a todos os seres.

Por fim, o quarto tipo. É o DHIVYA. Esse já viu a luz e com isso transcendeu os três estágios mencionados. A palavra Dhivya possui a mesma raiz sânscrita de onde procedem expressões tais como Devas (anjos), "divino", "Deus".

É interessante notar que nesses três estágios iniciais estão presentes as três qualidades da matéria dos hindus (Gunas). A primeira Guna é TAMAS. É a inércia, a tentativa de permanecer para sempre estacionário. O Paçu é por excelência, tamásico. A segunda Guna é RAJAS. Neste caso temos a mobilidade, a transformação do estático. É a característica do espírito inquieto do revolucionário, do pesquisador. A terceira Guna é SATVA. A Harmonia que nasce dos opostos. A serenidade no meio do conflito. É interessante a percepção de Nietzsche, no *Assim falava Zarathustra*, desses temperamentos e a sua escolha: "Eu só amo os que vivem como se estivessem se extinguindo. Porque são eles que atravessam deste para o outro lado." De certa forma, ele descrevia o tântrico nesses seres que cruzam de um lado para o outro. Nesse processo, há uma intensa transformação de energia, uma queima acelerada de karma.

O Universo, portanto, na visão tântrica, é força, poder, energia. Passemos agora a examinar o que constitui a Sadhana (prática) no desconhecido mundo que nos embebe. O homem pode aprender a dominar os acontecimentos, a interferir neles modificando-os, a defender-se, a atacar, a curar etc. Pode parecer incrível, mas no Japão atual, potência mundial, em todo início de ano, o Imperador comparece a uma cerimônia secreta, no seu palácio, que consiste numa série de rituais de propiciação para defendê-lo, e ao seu país, dos males que poderão advir. Essa cerimônia é executada por sacerdotes da Escola Shingon, fundada por Kobo Daishi, no século VIII da nossa era (Fig. 2). Esses rituais são executados ao correr do relógio na localidade de Koyasan, naquele país. Lá existe um imenso salão iluminado por fogueiras produzidas pela queima de pequenas achas de madeira e os monges, repetindo certos mantras, as arremessam ao fogo. Essa prática é permanente. Ela se dirige não apenas ao Japão mas para todo o mundo. Koyasan é um poderoso centro de forças. De lá provém uma irradiação de energia, de poder, de paz, de tranquilidade, de amor e de cura para o mundo. É impressionante a visão dessa sala de rituais de Koyasan. Imaginem um espaço semelhante a um campo de futebol coberto por uma estrutura de madeira com seis metros de pé direito. Lá existem dezenas de altares, onde monges procedem à queima da madeira. Assim que um termina, é substituído por outro. E noite e dia prosseguem as atividades tal qual uma poderosa estação de rádio transmitindo suas mensagens para todos os quadrantes. Acreditam os tântricos que, graças às suas emissões, muitos males são evitados. É interessante notar a respeito a semelhança da prática tântrica com a radiocomunicação. As mesmas ideias referentes ao transmissor, à antena, à propagação, a interferências, ao *fading*, a receptores, à sensibilidade, à seletividade, à direcionalidade, podem ser empregadas. E esclarecem muito o processo. Um rádio perfeitamente sintonizado, com uma boa antena dirigida, permite a escuta de

centenas de estações localizadas a milhares de quilômetros de distância. Essa recepção pode ser ampliada à medida que usamos diferentes comprimentos de onda. Se o sinal é débil, ele pode ser filtrado e ampliado. Há toda uma série de recursos para ampliar o campo de recepção. O mestre, diz o Tantra, é uma poderosa estação emissora e receptora. Quando ele aceita o discípulo, estabelece um canal permanente de comunicação. Para os que estão fora do assunto, essa possibilidade de contacto permanente parecerá puramente ilusória. Existe, entretanto, uma velha máxima no Ocultismo que diz: "Quando o discípulo está pronto, o Mestre aparece." Ou seja, quando o aparelho está sintonizado, calibrado, aquecido, ele está pronto para transmitir e receber com maior sensibilidade.



Fig. 2. Kobo Daishi (Kukai). Bronze da coleção do autor.

O Tantra é, portanto, o Ocultismo na sua acepção suprema. Suas práticas permitem o relacionamento com o oculto, a possibilidade de atuar, de defender, de curar. Nesse último aspecto, há uma extensa Medicina que não se aprende nas escolas normais de formação. Na Índia, especialmente na fronteira norte, junto ao Tibete, existem dezenas de hospitais onde os doentes são tratados com mantras, mudras, toques. E também com ervas e outros produtos naturais. Há, portanto, uma verdadeira medicina e farmacopeia não-tradicional curando as pessoas de uma forma efetiva, como tem sido constatado por inúmeros pesquisadores ocidentais.

Passemos agora a um rápido exame do que seja o ritual. Por que certos gestos simbólicos (mudras) são feitos? Por que o altar e seus objetos obedecem a dimensões e posições determinadas? Por que as roupas dos oficiantes devem ser de um certo tipo e cor? Tudo isso não tem a menor explicação quando observado pela visão puramente utilitária de um ocidental educado na sua tradição.

Existe uma Liturgia que é Magia no seu sentido mais profundo. A Liturgia Cristã, infelizmente, perdeu muito desse lado oculto do seu funcionamento, desse aspecto mágico que permite a efetividade do ritual. A operação ritualística, feita com gestos mecânicos,

sem a devida intenção do oficiante, perde o seu efeito mágico operativo. Um ofício, uma missa, por exemplo, é, no seu sentido profundo, uma forma mágica operativa. Atua e produz um ambiente propício, uma psicoatmosfera que atua nos participantes e no meio ambiente. Poucos são os sacerdotes atuais que têm consciência disso. A Magia passou a ser considerada uma arte do demônio, um tabu, algo deletério, produto da superstição que levou muitos à fogueira da Inquisição. No Tantra, tudo isso é explicado como uma Ciência. O lado oculto das coisas é revelado.

O mundo tântrico fala de um mundo visível e de outro invisível. O visível é apenas uma pequeníssima faixa do Real. Adota, portanto, uma posição absolutamente moderna do ponto de vista da ciência. Sabemos hoje que a visão é um fragmento do invisível. Idem, em relação à audição e a todos os sentidos humanos. Tudo aquilo que percebemos são vibrações de certo comprimento de onda. A percepção sensorial limita o Real. O poeta William Blake sente isso magnificamente ao afirmar: "Se o homem por um instante tivesse alargadas as portas da percepção, ele se veria como sempre foi: infinito." Essa abertura das portas deve ser feita naturalmente e nunca com o auxílio dos tóxicos que destroem o que não está ainda maduro e que nunca mais poderá ser reconstruído. O Tantra adverte que nunca se deve forçar a "fechadura" antes do tempo. Há, portanto, um minúsculo mundo percebido por nós e um mundo invisível infinitamente grande que pode ser contatado com a devida preparação. Para isso, a sensibilidade tem de ser cultivada, alargada com exercícios apropriados sob a devida orientação. O adepto tântrico, o mestre, aquele que dominou essa ciência, conseguiu ampliar sua consciência.

E pode, dentro de certos limites, auxiliar os outros nesse mister. É necessário um aprendizado lento, uma humildade, um desprendimento, uma perseverança desprovida de egoísmo a fim de que a "criança" possa entender a Algebra Superior. O mesmo ocorre no Ocultismo. Vamos ter o bom-senso de não rejeitar de pronto o que não compreendemos. O grande defeito do ocidental é pôr de lado *a priori*; o que não compreende. Estamos nos aproximando, felizmente, de uma outra era onde as coisas não-convencionais são estudadas. O Tantra é um fabuloso campo de pesquisa para os bem-intencionados no setor da ciência. O homem está mergulhado no Universo, sujeito a toda uma série de ondas, sofrendo o fluxo e refluxo dos acontecimentos. A diferença entre o homem desperto e o comum é que o primeiro sabe "nadar", mergulha, aproveita a correnteza para progredir, enquanto o segundo é jogado ao sabor das águas, completamente indefeso diante das situações da vida.

OS UNIVERSOS PARALELOS

"Cada ser que entra no inefável santuário
da sua própria natureza encontra o
símbolo do Pai de Tudo."

Proclus

O Tantra considera o Universo como comportando existências em vários níveis, onde moram seres com graus de consciência diferente da humana. E, também, a existência de outros seres que coexistem conosco nos planos físicos e sutis. A visão tântrica é semelhante à dos universos paralelos hoje tão citados. O homem pode penetrar nesses mundos desde que se prepare devidamente para isso, mas é um caminho perigoso; uma senda onde o viajante tem que ser acompanhado por um guia experiente, sob pena de se perder. A visão tântrica é, portanto, muito parecida com a da ciência moderna. Um dos grandes instrutores nessa área foi o Prof. B. Battacharyya, da Universidade de Calcutá, falecido há poucos anos (vide Bibliografia). Ele apresenta na sua vasta obra uma série de explicações sobre problemas de atuação à distância, da atuação do Mantra, da eficiência das cores e das formas. A medida que penetramos nesse território desconhecido, ficamos perplexos com a visão extraordinariamente moderna que esses instrutores antigos possuíam. Homens que, sem utilizar o microscópio ou o telescópio, sem ter os seus sentidos ampliados graças a uma série de equipamentos sofisticados de laboratório, penetravam no mundo de uma realidade transcendente que o homem de ciência atual começa a intuir. Na grande perspectiva tântrica, o quadro de referências que contém todas as coisas é Parabrahman, o que está além de Brahman, o Supremo. Nele, todas as coisas se movem e têm o seu ser. Parabrahman, o Absoluto, se quiserem usar este nome, apresenta-se sob três aspectos interdependentes e coexistentes:

SAT - EXISTÊNCIA
CIT - CONSCIÊNCIA
ANANDA - BEM-AVENTURANÇA

São três aspectos de uma mesma realidade. A visão tríplice, como a quádrupla ou sétupla, que logo abordaremos, são tônicas fundamentais dessa matemática tântrica, onde existe toda uma série de normas numéricas, de correspondências, de correlações, como será visto mais adiante.

A existência é o estado natural de Parabrahman: ele é, ele existe. Não possui qualidades, atributos, sem limites e escalas. Ali não há tempo nem espaço, pois não há referências. Gradativamente, entretanto, por um mistério insondável, a existência se limita

e nascem as fronteiras entre o ser e o não-ser. No seio dessa existência, já agora delimitada, nasce um ponto de referência. É o início da consciência. Toda consciência é pontual. Existe sempre alguma coisa que é consciente de outra. Quando surge a consciência, nasce simultaneamente o "espelho" que reflete o outro. A consciência vai desde uma primeira e vaga percepção de algo, do outro, daquilo que é refletido, até uma ampliação dessa consciência atingindo limites cada vez maiores dessa existência difusa e infusa. A consciência reflete, sempre, a existência. Ela não subsiste sem a existência. Assim como a visão necessita da luz. Não existe visão sem luz. A consciência pode ser, e é limitada sendo circunscrita à capacidade do veículo. Os homens, aparentemente, são iguais, mas é notória a variedade da consciência humana. Os sentidos são a porta de entrada da consciência. É através deles que "conhecemos" o mundo. Imaginem um indivíduo que nascesse sem todos os sentidos: cego, surdo, mudo, sem tato, nem paladar nem olfato, sem aquele foco de reflexão do outro. Um cego, ao entrar por uma porta larga num salão, pode não ter consciência dele. A consciência depende, pois, dos sentidos. E ela se amplia gradualmente. Nos primeiros graus da consciência é muito importante a presença do "centro" que é o "eu". A medida que a consciência se amplia, esse sentido do "eu" vai desaparecendo e nasce um sentido de participação do outro. O "outro" vai se tornando importante, até que o homem atinja um estágio onde, como num alvorecer, se manifeste uma profunda alegria - a bem-aventurança. Então se dá no homem a fusão do sujeito com o objeto e a maravilhosa experiência unitiva. Os nomes desse estágio supremo de paz variam. Nirvana, Samadhi, Satori Kalvalya, Terra Pura, o Céu Supremo, são alguns deles. Apesar de diferentes na expressão verbal e gráfica, na realidade são idênticos em sentido. Aqueles que sofrem na carne esse contato podem se transformar em instrumentos para que os outros sintam o mesmo "sabor". O Tantra, na sua linha de direita, é método para despertar as pessoas. É essa a intenção do mestre em relação ao seu discípulo.

Observemos agora um fato: a noção do "eu" que desperta. A consciência do eu é a de um ponto separado dos outros. Foi essa consciência que nasceu entre os períodos universais de manifestação. O Universo, segundo a tradição indiana se manifesta no Manvantara. O repouso que sucede é Pralaya. Existem, pois, Manvantaras e Pralayas cósmicos que duram bilhões de anos, como dentro de nossa Vida. Na respiração, por exemplo, a inspiração é Manvantara; a expiração, Pralaya. No ritmo cardíaco é a sístole e a diástole. O sono e a atividade. Morremos e nascemos de instante em instante. No caso cósmico, quando é perdido aquele impulso inicial da manifestação que nasceu num ponto, num *supereu*, todas as coisas se dissolvem e voltam ao seio do Grande Oceano da Eternidade. Nele, essas coisas ficam dissolvidas durante 4,3 bilhões de anos, quando, então, tudo volta a se manifestar. O Oceano primordial onde não surgiu ainda a diferenciação, é Energia pura. Nele está contida toda a Vida, assim como na pólvora está presente o poder da explosão ou, na semente, a árvore. Quando chega o "amadurecimento", nasce no seio desse Oceano um ponto Central de onde emana a Vida, impregnando com sua presença todo o Universo. Essa manifestação se dá, segundo uma arcaica tradição, em sete direções espaciais:

Centro, Leste, Oeste, Norte, Sul, em cima (zênite) em baixo (nadir). Num plano, essas sete emanções são representadas apenas por cinco direções: Centro 1, Leste 2, Oeste 3, Norte 4 e Sul 5. Essa estrutura quádrupla encontra-se presente nas Mandalas, aquelas

estruturas simbólicas muito citadas por C. G. Jung, representativas de uma hierarquia de poderes. Elas são utilizadas como suporte de exercícios de meditação ou em elaborados rituais, servindo como instrumentos para a captação de determinadas energias. A estrutura quádrupla está presente no homem nos dois eixos: vertical (cabeça, espinha e pés) e horizontal (braços estendidos). O ponto central 1 está localizado na garganta num centro de força (Chakra) chamado Vishuda. A presença desse ponto central pode ser constatada na formação de uma estrela ou no fenômeno da cristalização dos minerais. É nesse ponto que a emanção da Vida se processa com mais intensidade. A energia liberada (manifestada) sob a forma de Vida é chamada, na Índia, com o nome genérico de prana. Existe, entretanto, uma verdadeira hierarquia de pranãs. Eles são em número de cinco como os pontos cardeais, ou de sete, quando se considera a totalidade. Seus nomes e correspondências são os seguintes:

<i>Prana</i>	<i>Localização</i>
1. Udhana	Centro
2. Prana	Leste
3. Samana	Oeste
4. Vyana	Norte
5. Apana	Sul

Essa é a primeira de dezenas de correlações existentes na Natureza e que são do conhecimento do Mestre tântrico. Tudo no Universo está impregnado de Vida, porque há em tudo a presença da Energia em diferentes níveis de concentração. A própria diferença que a ciência faz entre a matéria orgânica (com vida) e inorgânica (sem vida) é puramente relativa. Superficial. Em profundidade, não há na Natureza o orgânico e o inorgânico. Apenas uma Vida, que é energia, vibração, concentrada em graus diferentes de sutileza. O processo inicia-se num centro das coisas onde Udhana se manifesta. É o começo de tudo; a primeira vibração em torno da qual começa a se organizar o Universo. A função desse primeiro ponto central é de emissão de energia mais sutil. Antes dessa primeira vibração, reinava a homogeneidade, a calma do "oceano" sem ondas, do Todo, que é Energia em Potência na noite que precede o dia da manifestação. Desse centro resultante da pressão emissiva de Udhana, "ansioso" para "descer" e se "aprofundar" nos planos da manifestação, nasce um campo de força muito semelhante ao que se manifesta em torno de um polo magnético. Esse campo é esférico. A atuação de Udhana equivale à função injetora. De emissão. Uma pálida ideia do processo pode ser obtida da imagem de um tanque cheio de água. No fundo, um cano para escoamento devidamente tampado. Antes de destampar, a massa líquida está em repouso. Quando é destampado, forma-se um turbilhão em espiral da água que desce para o nível inferior. A segunda manifestação da Vida dá-se no Leste. Já aqui, essa vida é chamada de Prana. Sua função é a de receber o que foi ingerido, a de manipular Udhana. A seguir, o processo se desenvolve no Oeste, onde se dá a manifestação de um prana já agora chamado Samana. A função agora é equivalente à digestiva. A quarta manifestação é Vyana, que é situada ao Norte; equivale à função de distribuição do que foi digerido e assimilado. Por fim, temos o Sul onde se dá a função excretora e onde os elementos não-assimilados voltam ao solo. E tudo recomeça. O círculo

se fecha.

Nesses cinco pranas, nessa maneira arcaica de ver a manifestação da Vida Universal, constatamos a presença do sopro ascendente de Udhana que, exatamente como o Sol, se dá por inteiro a todas as coisas. Compreendam que qualquer movimento que fizermos foi "ele" que produziu. Se cessasse, tudo cessaria a seguir. Em cada um de nós, como em todas as coisas, há um centro semelhante onde atua Udhana. Aí brota a vida no nosso ser como uma fonte procedente do manancial subterrâneo. Há, pois, uma correlação significativa, um grau de ressonância, entre o Sol e nós ou qualquer ser na face da Terra.

Para explicar a forma como se dá esse inter-relacionamento, a tradição hindu, na sua fisiologia oculta, fala dos centros de força, os chamados Chakras, rodas, vórtices, por onde se dá a comunicação de um plano para outro. Por eles escoam os cinco pranas que constituem a vida universal e irão vivificar o organismo de um ser. Cada chakra tem uma forma, cor e som diferentes. O correspondente ao ponto central nº 1 está localizado, como já mencionamos, na região da garganta. E o chamado Vishuda. A garganta é a porta de entrada do alimento e de saída da voz. A palavra é força, alimento, pão do espírito. A função desse centro é de entrada, recepção e emissão através do som. A palavra nele se manifesta. Udhana, o chakra cardíaco, localizado no leste, no ponto 2, é o que recebe a vida sob a forma de prana. Segue-se Manipura, localizado no plexo solar, no ponto 3, no oeste, onde se dá a digestão. No ponto 4, o norte, está o chakra Svadhistana, o da distribuição. E finalmente ao sul, no ponto 5, localiza-se o chakra Muladhara, o da excreção. Todos esses chakras estão ligados a cores fundamentais, sons, perfumes, formas, notas musicais etc. Quanto às cores, são as seguintes as correlações:

<i>Chakra</i>	<i>Cor</i>
1. Vishuda	Branca
2. Nahata	Azul
3. Manipura	Vermelho
4. Svadhistana	Verde
5. Muladhara	Amarelo

À medida que as correlações vão sendo reveladas, abre-se ao pesquisador um extraordinário mundo cheio de novas linguagens que tornam possível o contato com mundos desconhecidos à maioria.

Outra correlação muito significativa é a estabelecida com os elementos da Natureza. Para os antigos, a expressão "elemento" não tem a mesma conotação dada pela moderna Química. Os elementos fundamentais para eles eram o Éter, o Ar, o Fogo, a Água e a Terra. Eles estão correlacionados, também, com os pontos cardeais na seguinte ordem:

<i>Posição</i>	<i>Elemento</i>
1. Centro	Éter
2. Leste	Ar
3. Oeste	Fogo
4. Norte	Água
5. Sul	Terra

Esses elementos básicos não são os que normalmente identificamos por esses nomes, e sim as suas essências. O Éter, por exemplo, é aquele princípio sutilíssimo que embebe todas as coisas. É ele a primeira manifestação que surge no Centro como Udhana. Aos poucos vai se densificando, até alcançar a posição Leste como Ar. Depois, gradativamente, esse Ar se inflama e nasce então o Fogo no Oeste. Resfria-se aparecendo como Água no Norte e solidifica-se como Terra no Sul. O processo cósmico é visualizado nessa sequência.

As correlações, essas portas existentes entre Universos Paralelos, são inumeráveis. Do ponto de vista dos sons, pode-se afirmar que em cada ponto cardinal há manifestada uma determinada vibração. Ela é a tônica, o mantra. O chamado Mantra principal (Mula-mantra) é o Aum (OM). A palavra sagrada composta de três letras: A (criação) U (preservação) e M (renovação), significando o início, o meio e o fim. O ser, o não-ser e o sendo. A continuidade. Este é um som básico. O som dos sons. A "onda portadora" da radiodifusão, onde são impostas várias modulações. Dele tudo foi criado. Se o "ouvido" cósmico "ouvisse" o Universo, esse seria o som percebido. Esse som se manifesta em cada um dos pontos cardiais com uma vibração característica. O quadro abaixo mostra as correlações entre os pontos cardiais, os mantras básicos e as notas musicais:

<i>Pontos</i>	<i>Mantra-raiz</i>	<i>Nota musical</i>
Centro	Há (a)	Mi (ga)
Leste	Yam (BA)	Fa (ma)
Oeste	Ram (Ra)	Sol (PA)
Norte	Va (hum)	Lá (dha)
Sul	Lang (khen)	Si (ni)

No mantra-raiz, temos entre parênteses a pronúncia japonesa. Nas notas musicais, temos entre parênteses as conotações dessas notas na Índia.

Há também outras correlações com símbolos, formas, oferendas e perfeições (paramitas) como a seguir está indicado.

<i>Pontos</i>	<i>Símbolos</i>	<i>Formas</i>	<i>Oferendas</i>	<i>Paramitas</i>
Centro	Círculo	Joia mani	Incenso	Sila
Leste	Dorje	Lua crescente	Alimento	Dhyana
Oeste	Lótus	Trângulo	Vela	Prajna
Norte	Duplo dorje	Círculo	Perfume	Dodhicita
Sul	Joia	Quadrado	Flor	Samadhi

Uma visão mais pormenorizada e inspiradora das inúmeras correlações pode ser obtida no Quadro da próxima página, onde 21 correlações são identificadas. Há entretanto um maior número delas que são do conhecimento dos iniciados nos mistérios do Tantra. Essas correlações são chaves dos Universos Paralelos. Sua operação eficiente depende do operador, do meio e das circunstâncias.

21 correlações significativas no TANTRA

Localização	Centro	Leste	Oeste	Norte	Sul
Prana	Udhana	Prana	Samana	Vyana	Apana
<i>Princípio</i>	Éter (akasa)	Ar	Fogo	Água	Terra
<i>Cor</i>	Branca	Azul	Vermelho	Verde	Amarelo
Processo	Expansão	Recepção	Assimilação	Distribuição	Eliminação
Dhyani Buda	Vairocha	Akshobya	Amitaba	Amoga-Sidhi	Ratna-Sambhava
Chakra	Vishuda	Anahata	Manipura	Svadisthana	Muladhara
Correlação	Garganta	Coração	Umbigo	Bexiga	Ânus
Mantra	Ham	Yam	Ram	Vam	Lam
Sentido	Visão (forma)	Audição	Paladar	Tato	Olfato
Símbolo 1					
Símbolo 2	Chakra	Varha (dorje)	Lótus	Duplo-varja	Mani
Animal	Dragão	Elefante	Pavão	Águia	Cavalo
Mudra	Dharma-chakra	Bhuspasa	Samadhi	Abhaya	Varada
Vício	Ilusão	Ódio	Luxúria	Crime	Calúnia
Título	O resplandecente	O imóvel	Luz infinita	Realização	A matriz-joia
Planos	Supermental	Mental-abstrato	Mental-emoção	Etérico	Físico
Aspectos	Beatitude	Inteligência	Vontade	Consciência	Atividade
Tattva	Siva	Sakti	Sadasvi	Isvara	Sadvidya
Tônica	Consciência	Eu Sou	Eu sou Aquilo	Aquilo sou Eu	Aquilo fui Eu
Skanda	Rupa (forma)	Vijnan (percepção)	Samja (ideias)	Samskara (motivações)	Vedana (sensação)

OS TRÊS SEGREDOS

"Quando fixas o teu coração num ponto,
nada mais é impossível."

Buddha

O Tantra nos fala da Yoga dos Três Segredos. Ao usarmos a palavra Yoga, estamos indicando um caminho de união, uma prática para se chegar a um fim. A *Opus* (Obra) tântrica é tão meticulosa como a que ocorre numa reação química. Obedece a leis imutáveis sem o que não há resultado prático. Para isso, o operador deve conhecer esses três segredos. O segredo do Pensamento, da Palavra e da Ação. Os que os conhecem sabem que podem "agir" por meio de qualquer um deles. Quando pensamos, por exemplo, colocamos em vibração uma matéria sutil de natureza mental que adquire formas diversas, cores, e se propaga em direções diversas, ou acentua a sua presença em certas direções, graças à vontade do operador. Vivemos mergulhados em matéria mental, que compõe o pensamento. Os pensamentos são como nuvens, com sua forma, duração e direção, quando são tocadas pelos ventos. Eles nos impregnam, fazendo-nos pensar ao entrarmos em ressonância com eles. O pensamento está sempre por trás da palavra, que nele tem suas raízes. Há sempre um ato gerador de uma palavra resultante da memória (marcas deixadas no cérebro por pensamentos anteriores) ou pela presença de um pensamento exterior ao homem e que nele atua. Os que se interessam pelo mecanismo da mente têm à disposição a obra de Carl Gustav Jung, o pai da Psicologia Analítica, que desenvolveu a teoria do Inconsciente Coletivo, esse grande reservatório de matéria mental em que estamos imersos. Essa teoria baseou-se nas ideias procedentes de uma antiga tradição indiana. Por ela, um pensamento "flutuante" que nos atinge pode induzir um pensamento semelhante. Não esquecer que o pensamento é matéria mental de determinadas vibrações. E o fato é que uma vibração produz pelo fenômeno da ressonância, outras de tipo semelhante. Este é o segredo do Mantra que pacifica e cura, da prece que alivia e purifica. O segredo do pensamento nos abre um campo de extraordinária importância para a humanidade. O campo da Ecologia do Espírito. É uma nova visão do mundo. Global, radiante, difusa, com todas as coisas nos seus lugares. Onde não existe um Eu agressivo, egoísta, e sim o "nosso". Onde o "seja feita a sua Vontade" seja uma experiência reveladora. O Universo em que estamos imersos como peixes na água é uno e indiferenciado. As aparências iludem, com cada ser ocupando o "seu" espaço e durando no tempo. Os níveis de visualização, produto da limitação da visão, fazem com que percebamos "ilhas" isoladas flutuando ao sabor das correntezas. Há, entretanto, duas naturezas: a externa e a Interna. A visão da natureza interna que nos proporciona o Tantrismo nos revela uma dimensão nova, importantíssima e hoje quase esquecida: a vida contemplativa. O homem que sabe pensar, que repete um mantra com a devida "intenção", está atuando constantemente na atmosfera do mundo, neutralizando as más influências

purificando o "ar mental" que respiramos. Um ar poluído de tanta injustiça e violência. São verdadeiras estações de tratamento de dejetos mentais que são jogados *in' natura* por bilhões de seres profundamente mecânicos, sem qualquer tratamento. Esses homens sem nome, que rezam e meditam, exercem a mesma função das árvores que liberam o oxigênio de que precisamos. O Tantra sabe disso e utiliza em suas práticas o Poder Imenso do Pensamento Vivo.

O segundo segredo é o da Palavra resultante do Pensamento. A Palavra é Poder. Fogo vivo. Cura, mata, deturpa, intoxica e aliena. A palavra pode estar "acesa" como uma estrela, ou opaca como uma pedra. A grande maioria das palavras que ouvimos e falamos são mortas. Pedrinhas soltas que se perdem no deserto dos surdos. Resultam apenas do condicionamento, da memória, da educação, e são repetidas mecanicamente. Sem nenhuma vida interior. Mas, quando a palavra é magma candente, brota como uma prece absurda unindo a criatura ao criador. Uma prece separa ou une? Eu sou, sou um centro, um ponto perdido no espaço. Tenho nome, registro, identidade. Reconhecem-me. Apontam-me. Sou apenas um reflexo em bilhões de outros que não eu. Súbito, a palavra explode numa prece, um cântico que nasce e sobe em destino, sem saber o que é o amanhã. Só há o agora do canto mágico que evola como a fumaça do incenso que perfuma e se dá. Uma prece sem palavras nem sentido. Apenas sendo a palavra pura, a intenção, o fato de estar aqui e agora nascendo em mim. Como nascem as águas da fonte ou o rio do olho-mãe. Os pássaros cantam e o seu cântico é uma prece. Os galhos vergados pelo vento rezam à sua maneira. As cidades, os campos, o gado recolhido no cabeço dos montes ao cair da tarde rezam. Rezam os grilos, os morcegos em zigue-zagues, procurando o caminho como os homens. É o mistério da palavra viva. Das palavras-força.

O terceiro segredo é o da ação, que normalmente é esforço, movimento, suor, imprecação. Mas que pode ser ação sem esforço, sem objetivo, gesto puro, límpido, diáfano, que não deixa traços. Que surge no momento e no lugar exatos. Ação-participação. O grande segredo que nos ensina o Tantra é que o Pensamento, a Palavra e a Ação são uma só coisa. A Palavra é o Pensamento em Ação. O Pensamento é a Ação da Palavra. A Ação é a Palavra do Pensamento. São três e são um apenas: Tudo é tão fácil quando se compreende isso. Não com a mente carregada de conceitos, a memória, o passado morto. Mas com o corpo livre. Com o ser profundo.

Na Sadhana, para a prática tântrica, é utilizada uma série de objetos que servem de apoio aos rituais e têm função importante. Começamos com o chamado, pelos tibetanos, de Vajra ou dorje (Fig. 3). É o símbolo do raio. Do Poder Supremo. Equivale ao raio de Indra, o Júpiter da Mitologia hindu. É metálico, geralmente de bronze ou ferro fundido, e consta de uma esfera central, que é segura pelo mago, e de duas protuberâncias laterais. O seu uso é para exorcizar, purificar o ambiente, curar. É como se fosse uma lente para receber energia e concentrá-la num foco.



Fig. 3. Tibete. Vajra (dorje). Bronze. Símbolo do Poder Supremo. Coleção do autor.

O "punhal" mágico, Phurbu, é outro importante objeto para a ação tântrica. Ele possui uma extremidade trabalhada, geralmente uma cabeça de cavalo, e uma "lamina" triangular (Fig. 4). Tem grandes aplicações no ritual. Alexandra David-Néel e Anagarika Govinda descrevem em suas obras algumas das suas aplicações. Uma delas é neutralizar a força da gravidade. Isso pode se conseguido pela concentração em certos mantras, portando o Phurbu com a ponta para o solo. Há, inclusive, no Tibete uma arte de andar depressa que permite que uma pessoa se desloque a 60 km/h dando incríveis saltos.

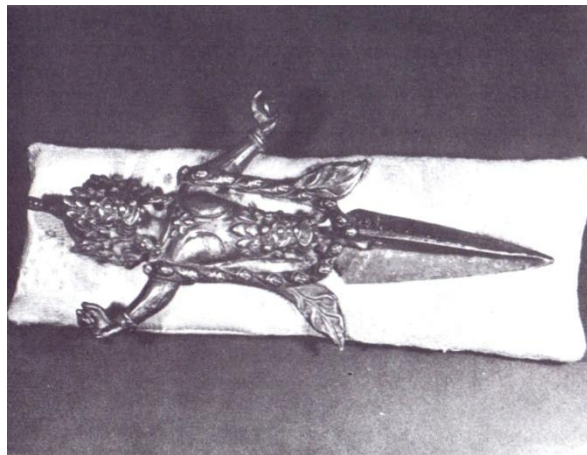


Fig. 4. Tibete. Purbhu (Punhal mágico). Bronze. Coleção do autor.

Outro interessante objeto é o chamado "moinho" de orações, que pode ser utilizado manualmente ou operado pela força de correntezas como se fosse um dínamo (Fig. 5). Consta de um cilindro metálico que contém no seu interior uma série de orações, mantras. Esse cilindro gira em torno de um cabo, geralmente feito de osso humano. O operador faz com que o cilindro gire com um simples impulso da mão. Ao girar, produz uma vibração que se propaga a todos os quadrantes como uma onda de rádio. Geralmente, a rotação é acompanhada pela repetição de mantras.



Fig. 5. Tibete. Moinho de orações, séc. XIX. Coleção do autor.

Os rosários (Mala) são usados como suporte para a repetição de mantras e são constituídos de 108 contas, que representam igual número de desejos que os homens devem suprimir com o treinamento (Fig. 6). Servem para lembrar o praticante da sua atividade principal.

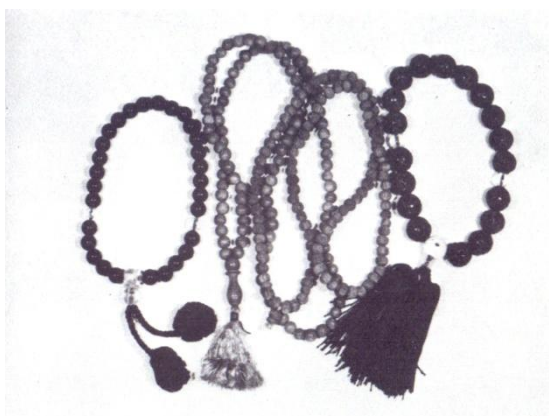


Fig. 6. Tibete, Índia, Japão. Diversos rosários. Coleção do autor.

Os relicários e amuletos, que constituem centros de força cuja ação protege quem os usa, são preparados por pessoas altamente qualificadas na arte tântrica e têm diferentes finalidades. Os relicários geralmente têm no seu interior a imagem de uma divindade, ou o desenho de um símbolo, ou um Mantra, envolvido num pano protetor (Fig.7).

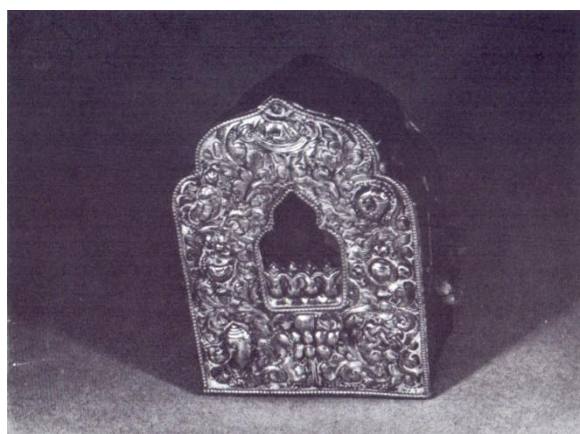


Fig. 7. Tibete. Relicário. Coleção do autor.

Os sinos (Gantha) de vários tamanhos e sons são usados em várias fases dos rituais. Servem para chamar as entidades à ação. Geralmente, existem no portal dos templos com a finalidade de marcar o ritmo da vida dos fiéis (Fig. 8).



Fig. 8. Tibete e Japão. Sinos usados em rituais. Coleção do autor.

Os três segredos nos revelam a identidade existente entre todas as coisas. As suas portas de ligação. E uma música universal que vibra e pulsa em tudo. O praticante sabe como sintonizar essa melodia e como dançar com ela. Há uma máxima Zen que diz:

"Se há a criação de uma diferença,
mesmo ínfima que seja,
não podemos mais nos harmonizar
com o ritmo da música."

O PODER DO SOM

"Aquele que conhece o segredo do
som conhece o mistério do Universo."

Inayat Khan

A sacralização do som é muito antiga. Nos antigos hinos da Índia, no Egito antigo, nos rituais, nas cerimônias xamanistas, no som dos tambores africanos, está o som sob a forma de palavra ou de música. Uma visão do Universo nos mostra uma série de sistemas aparentemente separados. Formas, Densidades, Vibrações. O Tantra considera que tudo é Energia. Todas as coisas são sons. Canta a pedra. Sussurra a árvore. A harmonia das esferas de Pitágoras é um fato. Há, entretanto, uma gradação de valores. A Mantra-Yoga hindu nos ensina que os sons são classificados em quatro estágios:

1. Para (supremo, sutilíssimo)
2. Pasyanti
3. Madhyama
4. Vaikhari (que vai desde o sutil ao grosseiro)

Já a palavra é um som a que se atribui um significado. É um som carregado de conteúdo psíquico. A palavra na Índia é Vak, de onde procede no latim a expressão *Vox* (voz). Mas, há três níveis de Palavra. Ela pode ser Sabda, que é a vibração - Spanda - da coisa em sua essência ou Artha, que é o objeto - a coisa em si mesma. E, por fim, no terceiro nível, é Pratyaya (a coisa apreendida, capturada). Os Rishis, os homens santos da Índia antiga, tinham a suficiente sensibilidade para captar Sabda, que neles se refletia como Artha, que era então capturada - Pratyaya - e transformada em poesia. Voltemos à essência do Universo. No princípio havia apenas um Desejo Divino (Kama) manifestado como uma Vontade (Iccha). Na Mitologia indiana, a deusa Saravasti (a esposa de Vishnu) é Vak. O seu símbolo é o instrumento musical chamado Vina (Fig. 9). No Universo, no início da manifestação, surgiu uma primeira vibração cósmica que produziu o som OM (AUM). A vibração do objeto (Artha) que produz modificações na mente, chamadas Vriti, que permite a Apreensão (Pratyaya), são a mesma coisa.

Outro conceito profundamente significativo é o Nome Natural que corresponde ao som produzido pelas energias contidas nesse corpo. O nome natural será o som ouvido por um observador cósmico. Temos que levar em consideração o fato de que cada observador que ouve o faz em função de um sistema de referências e que a fidelidade da reprodução é sempre relativa. I. K. Taimini, no seu livro *Gayatri*, afirma:

"Investigações por métodos ióguicos demonstram que todos os mundos manifestados são baseados em vibrações de várias espécies de energia, e que todas essas vibrações estão ligadas umas às outras e podem ser identificadas de um estado de sutileza a outro até se chegar a uma última, primária, fundamental, que engloba a todas, e dela todas derivam."

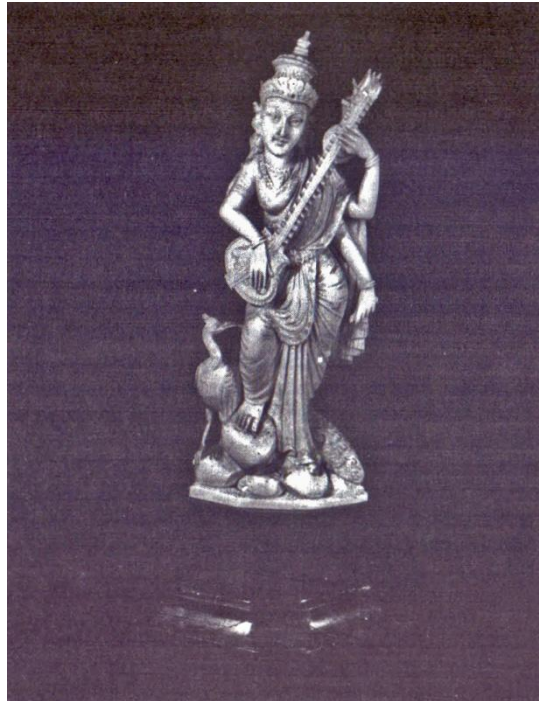


Fig. 9. Índia. A deusa Saravasti. Marfim. Coleção do autor.

Essa vibração seria o chamado Pranava, ou Mula-Mantra - o AUM. O Mantra-Yoga nos revela um mundo novo como vibração, onde a solidez é uma aparência. Esta concepção é idêntica à expressada na equação de Einstein:

$E = mc^2$. Segundo o Tantra, a vibração não é somente a base da forma, mas é também necessária para a manifestação da consciência. O fato básico é que Vibração, Forma e-Consciência estão interligadas. Segundo Taimini, na obra citada:

"Mantra Shastra é a ciência na qual os mantras são usados para produzir certos resultados. É possível, com eles, desenvolver certos poderes latentes (Siddhis)."

A literatura tântrica está repleta de Mantras. A ciência do som não tem nada de espiritual, pois é uma Ciência como outra qualquer. O problema do praticante é o de se purificar e procurar colocar em harmonia todos os seus corpos sutis, a fim de obter a sintonia com uma consciência mais elevada. O mantra é um arranjo de sons que produz determinados efeitos quando devidamente pronunciado. Essa maneira especial é que o "acende". A tradição hindu nos diz que as letras do alfabeto sânscrito nasceram dos sons produzidos pelo tambor (damaru) de Shiva. Aquele que conhece o poder Inerente ao som produzido pelas letras tem à sua disposição um Poder Imensurável. (Vide de John

Woodroffe, *Garland of Letters*.)

Taimini, entretanto, adverte:

“Esse é um assunto altamente complexo. Não é fácil de ser compreendido, especialmente porque o puro conhecimento tornou-se misturado com grande quantidade de práticas perigosas, Indesejáveis e de charlatanismo.”

Os Mantras são repetidos numa determinada sequencia rítmica e com a devida entonação e intenção. A simples repetição, mesmo que pareça idêntica auditivamente não produz qualquer efeito se não tiver por trás da formação de cada sílaba a devida "entonação". Esta "entonação" é dada pelo Mestre ao seu discípulo qualificado e aceito, Ao seu "filho" espiritual. Temos, portanto, toda uma escala, que vai desde o som audível ao etérico e mental. O chamado Japa mental ocorre quando a repetição do Mantra só se dá no plano mental. Nessa repetição, a significação de cada palavra é invocada e a ideia do conjunto devidamente enfocada. Para que o Japa tenha efeito, seja um sucesso, é indispensável que o praticante concentre e polarize devidamente os seus poderes e os dirija para o alvo correto. A mera repetição no plano audível ou a descuidada utilização do pensamento no plano mental tornam o processo absolutamente inócuo. Para que o Japa seja efetivo é necessário Ardor (Tapas) por parte do praticante. A expressão sânscrita significa "Calor" e a sua raiz é encontrada no nosso idioma na palavra "tépido" - morno. O Yajnavalkya Samhita é um texto que diz claramente:

"O Rishi de um mantra é aquele Profeta ou Adepto particular que o descobriu, ou melhor, o construiu, usando para isso dos poderes latentes existentes nas letras que constituem o mantra e o efeito total produzido pelos seus sons em nossos veículos."

Há um mecanismo efetivo funcionando na ligação do Mestre com o seu discípulo. Quando dirigimos a Ele um pensamento profundo, firme, de aspiração, a resposta depende basicamente do ardor e reverência com que o emitimos. O pensamento atinge o Mestre pois, no plano sutilíssimo, há uma relação "misteriosa" unindo todas as coisas (Adhishana).

O Mantra e o Mestre (Rishi) estão incluídos nessa relação. A tradição diz que quando um discípulo (Chela) emite firmemente um pensamento ao seu Guru, ele é imediatamente atingido, mesmo quando o discípulo não tenha a menor ideia onde ele se encontre, nem qual seja a sua atividade naquele momento.

A tradição védica da Índia diz que devemos, antes de iniciar a nossa prática habitual (Upasana), recitar um outro Mantra preparatório que nos foi dado pelo Mestre e que se chama Chanda. O Chanda possui uma estrutura com características marcantes. A ciência dos Chandas é considerada hoje como perdida ou extraordinariamente oculta.

No processo operativo, a mente age a partir de um centro mental chamado Mano-Bindu. Este é o centro real de todos os veículos físicos e hiperfísicos que estão a ele articulados. É o chamado "ponto-zero", ou central, de onde opera o espírito (Atman) utilizando a mente nos seus diversos estratos. Na literatura oculta, este ponto é considerado como o verdadeiro "coração" do indivíduo.

O Mundakopanishad II (2)-5 diz:

"Tentai conhecer somente a Ele, o Paratma, que embebe os três mundos - o físico, o astral e o mental - bem como a Mente e os Pranas. Abandonai todas as palavras vazias. Somente Ele é a ponte para a imortalidade."

O mesmo Mundakopanishad afirma:

"Assim como os raios de uma roda se encontram no seu cubo, assim os nadis se encontram no coração. Neste centro, Ele (o Paratma), que se tornou múltiplo, vive. Meditai nele graças ao uso da palavra OM. E que possais dessa forma cruzar o mar das trevas da ignorância e atingir a outra margem."

O Poder da palavra se manifesta não só através da Palavra como, também, da Música. A presença de ritmos e cânticos pode ser testemunhada nos rituais africanos, asiáticos ou das Américas. Há um conhecimento da existência de um Poder inconsciente que pode ser invocada e manifestar-se como que numa explosão. Peter Michael Hamel, no seu livro *Through Music to the Self*, acha que:

"Essa força primitiva pode ser invocada por meios musicais (Figs. 10 e 11). Nós também podemos nos submeter aos seus poderes estimulativos. Mas será nosso dever não permitir, meramente, que esses poderes exerçam sua influência mágica sobre nós, mas também experimentá-los conscientemente, de forma a poder torná-los familiares a nós. A fim de que eles permaneçam ao nosso serviço auxiliando-nos a tornar-nos pessoas completas, no sentido de alcançarmos uma Totalidade Integrada."



Fig. 10. Tibete. Músicos.



Fig. 11. Tibete. Trompa para ritual.

O filósofo suíço Jean Gebser, falando sobre "Experiência", diz que alcançar esta participação consciente talvez seja a meta da vida humana. Mas acha muito improvável que a obtenção dessa "consciência auditiva integrada" seja possível de se alcançar somente com o mero toque de um instrumento ou ao ouvir simplesmente a Música. É preciso muito mais que isso para que possamos experimentar na carne a Magia musical, perceber a forma psíquica do mítico e para que possamos "captar" a adequada tessitura mental. É um modo total de "ouvir" que leva a um estado de percepção "cristalina", muito parecido com idêntico conceito do filósofo J. Krishnamurti que constantemente adverte que há uma enorme diferença entre o "ouvir" e o simples "escutar". Esse estado de "transparência", nas palavras de Gebser, está naquele ponto quando se dá a liberdade do espaço e do tempo.

Muitos compositores contemporâneos têm procurado mergulhar nesse sentido profundo da Música, penetrando naquele estado inefável onde há a liberdade completa.

Começemos citando Alexander Scriabin (1872-1915), que desenvolveu uma música mística muito influenciada pelas ideias das correlações existentes no mundo dos sentidos. Era teósofo e um ardente ocultista. Seu poema sinfônico *Êxtase e Prometeus* e suas sinfonias estão impregnados de ardor místico. Sergei Prokofiev (1891-1953) era muito interessado nas dimensões interiores da música. A inspiração da sua *Suíte Scythiana* foi tirada do êxtase obtido pelos xamanes da Ásia Central. Erik Satie (1866-1925) pertenceu à Ordem Rosa-cruz; Cyril Scon (1879-1971), teósofo e autor de livros sobre o lado oculto da música; Gustav Hotz (1874-1934) – astrólogo, compôs a suíte sinfônica *Os Planetas*; Arnold Schöenberg (1874-1951), muito interessado na obra do teósofo sueco Swedenborg; Josef Matthias Hauer (1883-1959), Rosa-cruz - são alguns exemplos dentre muitos. No Oriente, em especial, a situação é bem outra. O número de músicos que possuem essa percepção revelada do mundo oculto é muito grande. Praticamente todos a possuem pois, segundo a tradição musical hindu, o ritmo e a melodia estão presentes na manifestação divina. A Música é uma Sadhana. Um caminho que conduz à realização espiritual. Os instrumentos

musicais são de origem divina. O tambor Damaru, de onde nasceu a tabla e toda uma série de instrumentos de percussão, é o instrumento de Shiva (o aspecto divino da renovação do Universo). É ele que dá o ritmo à dança cósmica. Saravasti, a Sakti (esposa) de Brahma (o aspecto da criação) porta uma Vina. É desse instrumento de cordas que emana a harmonia que embebe o mundo. Krishna, um dos Avatares (manifestações) de Vishnu, possui uma flauta com que pacifica todos os seres (Fig. 12). E são inúmeros os exemplos, recolhidos da riquíssima Mitologia hindu, de divindades que utilizam instrumentos para o seu "trabalho". Há, inclusive, uma classe de músicos celestiais chamados Gandharvas. O aprendizado da Música na Índia é, portanto, uma ascese, com exercícios de purificação e meditação para transformar o homem num instrumento adequado da manifestação. O mestre de música, o Guru, é um homem geralmente de elevado desenvolvimento espiritual. Em Kalashetra (o local das Artes), uma escola de Artes Tradicionais, fundada e dirigida por Rukmini Devi em Madras, pode-se sentir a sacralidade do mundo da Música. Para muitos dos executantes, a Música é uma Voga. Um caminho de união com o Supremo. A Música, para os antigos, estava ligada à Harmonia das Esferas. Ela nasce, como uma centelha, da tensão existente entre o audível e o inaudível. Para o músico Hazrat Inayat Khan, que se tornou o grande divulgador do ideal Sufi no mundo moderno:

"Aquele que conhece o segredo dos sons conhece o mistério de todo o Universo."



Fig. 12. Índia. Krishna. Marfim. Coleção do autor.

É esse, aliás, o sentimento do compositor moderno K. H. Stockhausen ao afirmar:

"Uma nota musical vive, como tu, como eles, como eu, como Aquilo.
Move-se. Estica-se. Contraí-se.
Metamorfoseia-se, dá nascimento, procria, morre e renasce.
Busca, para, encontra, perde, ama, casa-se apressa-se.
Vem e vai."

Uma visão mais profunda da Música pode ser obtida da leitura da vasta obra de Hazrat Inayat Khan. No texto chamado. *On Music*, encontrado no Volume II, há uma profunda análise do problema. Vamos acompanhar algumas citações:

"A música tem sido reverenciada pelos místicos de todas as idades. Em todo o mundo a música tem sido o centro do culto e o santo ofício dentro dos mais internos círculos de iniciados. Entre os Sufis, a música também é vista como a fonte de suas meditações, pois eles sentem como a alma está desabrochando, como as faculdades intuitivas podem ser abertas. Seus corações se abrem a todas as belezas do mundo interno e externo, elevando-os e, ao mesmo tempo, trazendo-os àquela perfeição que a alma anseia.

Os músicos da Índia devotam doze horas ou mais, por dia à prática dos vários ritmos e de suas variações. No fim, esses ritmos produzem um efeito psicológico que não é mais meramente musical, mas mágico. Essa magia pode mover uma pessoa e 'tocar' o seu coração. Ao ouvir tal música, podemos nos sentir transportados a outro mundo. E, entretanto, ela é escassamente audível. Ela é tocada por duas ou três pessoas com a mesma mentalidade e não diante de milhares de ouvintes..."

Continua ele em outro trecho:

"Nada pode ser de mais ajuda espiritual do que a Música. A Meditação é uma preparação para a perfeição, mas é a Música que chega mais perto dela.... A Música é a harmonia do universo no microcosmo. Pois essa harmonia é a própria vida e, no homem, que é ele mesmo um microcosmo, os acordes e dissonâncias podem ser encontrados no seu pulso, no bater do seu coração, na sua vibração, no seu ritmo e tom. Sua saúde ou doença sua alegria ou tristeza, mostram se há música ou não, em sua vida.

O que a Música nos ensina? A Música nos treina à harmonia, e lá está o segredo da Música. Ou a sua Magia. Se ouvimos uma música agradável, há harmonia nas nossas vidas. É por isso que o homem anseia e necessita de Música. Muitos dizem que não têm tempo ou lugar para a Música, mas essas pessoas não ouviram ainda o seu toque. Se eles tivessem ouvido Música, suas almas teriam sido tocadas e eles a amariam. Além disso, a Música desenvolve a faculdade de apreciar o que é bom e belo em arte e ciência pois é na Música e na arte poética que a beleza se revela plenamente."

OS PODERES LATENTES

"A Vida é uma pura chama.
Vivemos como se um Sol invisível
queimasse dentro de nós."

Thomas Brown

O homem é um ser em potencial. A maioria dos seus poderes estão latentes. Os hindus dizem que esses poderes (Siddhis = perfeição) são 312. Geralmente se fala de 8, 12 ou 24. Os oito mais conhecidos são:

- | | |
|---------------|--------------------------------|
| 1. Atomização | 5. Eficácia |
| 2. Levitação | 6. Soberania |
| 3. Ampliação | 7. Controle sobre os elementos |
| 4. Extensão | 8. Capacidade para atuar |

Além desses, costuma-se citar mais os seguintes:

- | | |
|---|--|
| 1. Ouvir sons distantes | 9. Penetrar em todas as espécies de corpos físicos |
| 2. Entrar nos corpos de outros | 10. Perfeição no falar |
| 3. Onisciência | 11. Poder reviver os mortos |
| 4. Parar o fogo | 12. Poder captar a força vital |
| 5. Parar um rio | 13. Poder produzir a vida |
| 6. Imortalidade | 14. Poder paralisar as funções sensoriais |
| 7. Parar o vento | 15. Poder matar o intelecto |
| 8. Controle pleno sobre a fome, a sede e o sono | |

Quem consegue alcançar esses Siddhis é chamado de Siddha Purusha - aquele que atinge a Perfeição. Esses Siddhas classificam-se em três tipos:

UTTAMA - O que satisfaz seus desejos através dos pensamentos.

MAOHYAMA - O que consegue entrar em comunhão com os deuses, dominar a morte, penetrar à sua vontade nos corpos dos outros, deslocar-se rapidamente pelos céus, poder entender as verdades terrenas, conhecer as oito escolas da Yoga, curar doenças, praticar milagres etc.

AOHAMA - É o que obtém vida longa, fama, prosperidade, família grande.

Vários métodos conduzem ao aparecimento dos Siddhis, sendo a repetição dos Mantras um dos mais eficazes. Ele pode ter origem em quatro diferentes poderes:

JANMAJA – congênito.

AUSADHIJA - produzido por intoxicantes.

MANTRAJA - produzido pelos Mantras.

SAMADHIJA - resultado de profunda e intensa meditação.

A tradição da existência desses poderes é encontrada em todo o mundo. Os budistas, por exemplo, falam de oito grandes Siddhis:

1. KHADGA - É o que permite ao guerreiro vencer uma batalha com uma espada sobre a qual foram recitados Mantras. Práticas de consagração de espadas, são encontradas na Arte Marcial do Japão.

2. ANJANA - Quando, através de um unguento mágico aplicado nos olhos, podemos ver tesouros ocultos.

3. PADALEPA - Um misterioso unguento que, ao ser colocado nos pés, faz com que nos movamos sem sermos percebidos.

4. ANTARDHANA - O desaparecimento milagroso.

5. RASA RASAYANA - Que transforma em ouro todos os metais e produz a imunidade à morte.

6. KHECARA - Que permite ao homem mover-se nos céus.

7. BHUCARA - Que dá a possibilidade de irmos instantaneamente a qualquer ponto na face da Terra.

8. PATALA - Que dá acesso aos mundos subterrâneos. O Tantra tem seis rituais principais, que são conhecidos como SATKARMA. Eles são usados com as seguintes finalidades:

1. SANTI - Permite remover doenças influências nefastas e más ações.

2. VASIKARANA - O que dá o poder de carregar de influências um objeto ou pessoa (enfeitiçar).

3. STAMBHANA - Permite a paralisação da ação dos outros.

4. VIDVESANA - Propicia a separação de um casal.

5. UCCATANA - Encanta as casas. Faz que o inimigo fuja.

6. MARANA - Produz a morte ou injúrias diversas nos inimigos.

Felizmente, esses rituais são secretos sendo difícil a um simples curioso colocá-los em operação. Para que "vivam", tem que se conhecer: a época oportuna para a sua realização, a configuração planetária, as estações propícias, os deuses e entidades a serem invocados, os Mantras correspondentes e as "chaves" da operação. Essas chaves são Mantras, Mudras, que devem ser repetidos numa certa sequência tal qual o procedimento da abertura de um cofre.

O Yoga Sutra de Patañjali é um hino básico para os que se interessam por Yoga. A ciência do encontro do homem consigo mesmo. A seção III do texto é, em grande parte, sobre os poderes latentes do homem advindos da prática. Os trechos traduzidos e comentados a seguir foram retirados do texto de M. N. Ovvedi, publicado em 1890 pela The Theosophical Publishing House - Adyar, Madras, Índia.

1. "Contemplação é a fixação da mente em algo." Anteriormente, foram descritas as condições de purificação e de iluminação das distrações que servem de preparativo para essa fixação em algo, que pode ser interno ou externo. É um suporte para a meditação que irá ser iniciada.

2. "A unidade da mente com esse algo é absorção." Essa absorção é chamada de Dhyana (meditação), quando o observador se torna unido com a coisa meditada mas não há, ainda, perda da identidade.

3. "O mesmo acontece quando, consciente somente do objeto, como se estivesse inconsciente de si mesmo, se dá o transe."

Esse transe é Samadhi (a contemplação). Quando, então, não há mais separação entre o sujeito e o objeto. Aí dá-se a perda da identidade do "eu" e do "tu".

4. "Os três juntos convergindo numa só coisa constitui o Samyama."

A palavra Samyama subentende os três processos citados nos versículos anteriores (1,2 e 3), tomados em conjunto. Samyama é o caminho que leva aos Siddhis (poderes ocultos) e à contemplação inconsciente (Nirvikalpa Samadhi).

5. "Conquistando seus resultados, a consequência será a lucidez do intelecto."

Essa lucidez é extraordinariamente difícil, senão impossível de ser conseguida pelo homem comum, sempre imbuído nos "nomes" de seus pensamentos, palavras e ações. J. Krishnamurti conceitua essa "lucidez" com a expressão "Percepção Criadora". Quando ela ocorre, o homem percebe a coisa como ela é. Sem nuvens.

6. "O seu uso é feito por estágios."

O uso de Samyama, dessa lucidez, é gradual. Aos poucos, a neblina vai desaparecendo e os contornos da realidade vão nascendo das sombras. E impossível alcançar o cume da montanha sem cobrir a viagem nas regiões inferiores.

"Os três são algo mais íntimo do que os anteriores." Os três são a Contemplação, a Absorção e o Transe, citados nos Aforismos 1, 2 e 3. Primeiro dá-se a Contemplação da Realidade. Segue-se uma gradual Absorção, da qual resulta um Transe - uma perda de identidade resultante da nossa fusão nela.

Saltando alguns Aforismos, vamos direto aos que enumeram os diversos Siddhis que aparecem à medida que a "neblina" se desfaz e o aspirante se aproxima do pico da montanha.

16. "Executando o Samyama nas três espécies de transformação, surge o conhecimento do passado e do futuro."

Neste caso, o aspirante desliga-se da escravização do tempo e passa a observar o eterno agora, pois está situado numa outra dimensão, onde o ontem, o hoje e o amanhã já estão presentes.

17. "O som e o significado nele contido estão presentes em estado confuso. Ao executar o Samyama do som, eles são resolvidos e surge a compreensão dos sons emitidos por qualquer ser vivo."

No Tantra há a concepção de que todas as coisas estão vivas, pois são concentrações de energia dotadas, portanto, de vibrações diversas. Elas falam uma "linguagem" que não entendemos, pois estamos presos à tridimensionalidade e aos sistemas de referência dos sentidos. É possível ao homem, graças à prática, tornar-se aberto a essas novas dimensões. Ele passa então a compreender os sons naturais produzidos pelos diversos sons. A "música das esferas" de Pitágoras torna-se algo vivo e palpitante.

18. "Pelas percepções diretas das impressões, nasce o conhecimento dos nascimentos anteriores."

Na concepção tradicional reencarnacionista, todos os seres possuem, registradas nas camadas mais profundas de sua estrutura, as marcas do passado. Elas podem aflorar e com isso nasce a memória das vidas passadas. Inúmeros são os casos de lembranças de episódios de vidas anteriores nascidas espontaneamente ou induzidas pela regressão

hipnótica. Este extraordinário arquivo pode ser contatado através de certas práticas.

19. "Pela percepção direta através do Samyama (concentração, meditação e contemplação) da imagem que ocupa a nossa mente, atingimos o conhecimento da mente dos outros."

Acaba neste instante a privacidade, pois podemos observar o que os outros pensam. Algo que pode ser extraordinariamente desagradável e perigoso e que pode ser de grande valor na espionagem, razão pela qual as superpotências dedicam grandes recursos neste campo de pesquisas, especialmente sobre a Clarividência, a que se refere o aforisma anterior.

21. "Executando o Samyama na Forma, e ao suspender o poder receptivo, o contacto entre o olho do observador e a luz (do corpo) é rompido e, com isso, o corpo torna-se invisível"

A tradição da invisibilidade é encontrada em todo o mundo. Diversos autores exploraram o tema em seus romances e contos. Nas histórias referentes a vários Santos e Mestres da Sabedoria, há o testemunho do aparecimento e desaparecimento desses seres, ou de objetos e cartas nas mais diversas situações.

25. "Ao executar o Samyama na resistência dos animais, teremos a força de um elefante."

Alguns exercícios permitem a eclosão de uma força sobrenatural em corpos muitas vezes franzinos. Certos guerreiros, na antiga tradição da espada, eram imbatíveis, tal a sua força e agilidade. As tradições marciais da China e do Japão estão repletas de exemplos.

26. "O conhecimento do pequeno e do oculto, ou do distante, é possível, dirigindo a luz da faculdade superfísica."

Essa faculdade "superfísica" permite que o homem perceba o mundo infinitamente pequeno ou infinitamente grande. Um exemplo notável são as pesquisas sobre a estrutura dos elementos, seus átomos e componentes apresentados no livro *A química oculta* e que foram feitas por C. W. Leadbeater e Annie Besant.

27. "Conhecimento do sistema solar ou executar o Samyama dirigido ao sol."

Um exemplo desse maravilhoso poder de "ver" sem possuir telescópios é encontrado nas Cosmogonias Antigas, onde estão os Universos-ilha que surgiram na Astronomia do século XX, e a pulsação cíclica do Cosmo em dias e noites de Brahma, que está contida nas teorias contemporâneas do Universo em expansão.

30. "Ao executar o Samyama dirigido ao centro de força do umbigo (Manipura), surge o conhecimento da organização do corpo."

Foi graças a esse poder que as medicinas tradicionais do Oriente desenvolveram a acupuntura, com seus meridianos, pulsos, os centros de forças e os nadis (canais de circulação de energia).

31. "Ao executar o Samyama no centro localizado no umbigo, cessam a fome e a sede."

Os iógues que ficam enterrados durante dias num regime de hibernação conhecem essas técnicas. Como também os inúmeros eremitas que vivem em cavernas nas montanhas geladas do Himalaia, desligados de qualquer contato com o mundo exterior.

33. "Executando o Samyama à luz, no topo da cabeça, surge a visão dos Seres Perfeitos."

Os Mestres da Sabedoria, os Adeptos, os Arhat, os Bodhisattvas, os Tirtankaras, são seres supremamente desenvolvidos, libertos dos ciclos de sucessivas existências. São presenças que podem ser percebidas por aqueles que derem condição para que a comunicação se estabeleça. A meditação no chakra coronal (o das mil pétalas), o Sahahara, torna possível essa percepção.

35. "Executando o Samyama no coração, nasce a consciência da natureza da mente."

O homem pode então perceber o funcionamento do processo mental, alternando-o conforme as necessidades ditadas por sua vontade. Normalmente, esse "mecanismo" opera automaticamente, levando-nos de roldão. Com isso, sofremos e fazemos com que os outros sofram. Quantas palavras são ditas espontaneamente e que vão obrigar-nos a nos arrepender seriamente no futuro. O homem que conhece o "mecanismo" da mente pode operá-lo para obter os melhores (ou piores) resultados. A mente é como um bisturi que cura e mata.

39. "A mente pode penetrar o corpo de um outro quando ocorrem o 'relaxamento' das causas de escravidão e o conhecimento das 'passagens'."

Duas palavras são profundamente significativas: "relaxamento" e "passagem". Relaxar é soltar, desprender, distensionar o que normalmente nos tolhe a liberdade. Enquanto isso não acontecer, o nosso corpo mental está preso à estrutura emocional e mental e não pode "viajar". Uma vez livre, há "passagens" - canais, caminhos, meios - que nos permitem entrar no corpo de outrem, podendo assim sentir os seus problemas e sofrimentos.

42. "A execução do Samyama na relação existente entre o ouvido e o Akasa (éter) produz a audição superfísica."

É possível ampliar o campo auditivo percebendo o que está sendo falado a milhares de quilômetros ou por trás de grossas paredes. No campo da Parapsicologia, essa faculdade é chamada Clarividência.

43. "Ao executar Samyama na relação entre o corpo e o Éter, e ao mesmo tempo produzindo a união da mente com a luz, nasce a capacidade de transferir o corpo de um lugar para outro."

Esse chamado desdobramento é testemunhado nas histórias ligadas a muitos homens que atingiram a santidade e que chegaram a possuir o dom da ubiquidade. Ou seja, estar em dois lugares ao mesmo tempo. Como são, por exemplo, as tradições ligadas no mundo cristão a Santo Antônio.

O Aforismo 1 do Capítulo 4 dá uma clara ideia da origem desses poderes latentes (Siddhis) ao dizer:

1. Os Siddhis são o resultado do nascimento, das drogas, dos Mantras, das austeridades e do Samadhi.

Trata-se de algo muito sério, estranho, que aberra dos sentidos e parece se chocar com as leis da Natureza. Todo o aspecto exótico e extraordinário do Tantra provém da eclosão desses poderes. É preciso chamar a atenção para o perigo que eles representam para os que não estão preparados para possuí-los e que se destroem - dizem os textos antigos - como as mariposas em contacto com a chama.

COMO FUNCIONA A PRATICA

"Onde há uma Vontade há um Caminho."

Provérbio budista

No Universo vibratório, em que nos movemos e temos o ser, o inter-relacionamento entre as coisas se dá através de Campos de Força de diferentes intensidades. Entende-se por Campo de Força uma região do espaço sujeita a vibrações emanadas de um ponto emissor. Ele se caracteriza por sua Potência e Duração e por uma característica vibratória chamada Frequência. Quanto à Potência, diz-se que um Campo pode possuir maior ou menor Intensidade. Isto é, o poder de atuar à distância. A duração dessa atuação é variável, pois é função da Carga energética concentrada nesse Campo. A Frequência é o número de vibrações por segundo ocorridas nesse Campo. As distâncias que podem ser cobertas pela propagação dependem dos comprimentos de onda. A chamada Emissão é produzida pelo rompimento do equilíbrio, fazendo com que a energia concentrada se difunda no meio circundante. O fato de existir ou não emissão é que caracteriza um Campo ativo e o caracteriza como um Transmissor. Quando ele é passivo, trata-se de um Receptor. Quer num quer noutro estado, é fundamental a presença de uma Antena. Ela é um dispositivo que permite melhorar a captação ou a emissão de formas vibratórias. Com uma boa antena, um transmissor de pouca potência, ou um receptor de má qualidade, poderão ter os seus rendimentos melhorados de muito. Podemos dizer que um transmissor ou receptor não é melhor do que a sua antena. Essa antena poderá receber igualmente todas as vibrações, como é o caso de uma vertical na radiodifusão, ou discriminar aumentando o rendimento em certas direções (antenas direcionais). Tudo o que foi explicado até aqui constitui rudimentos de radiotécnica. Esses conceitos podem ser aplicados no caso humano. A prática (Sadhana) tântrica consiste em melhorar o rendimento operacional deste excepcional instrumento de recepção e transmissão que é o ser humano, apesar de suas limitações. De uma maneira geral, para se emitir ou receber uma determinada frequência de ressonância, é necessário que se atenda a três pontos:

Sintonia, Propagação e Condições. A Sintonia é a entrada em harmonia (ressonância) entre o Transmissor e o Receptor. Se não houver essa ressonância, não é possível qualquer comunicação. Isso, em termos humanos, significa uma capacidade de manter invariáveis certas condições durante certo tempo. Uma sintonia "fina" significa alcançar o máximo de ressonância, quando parece não haver separação entre o transmissor e o receptor, quando as distorções são mínimas. Com referência à Propagação, ela é caracterizada por uma maior ou menor facilidade de estabelecer uma comunicação entre dois pontos. A "estrada", o meio, pode estar agitada ou tranquila, tornando mais difícil ou fácil o contato entre dois pontos. Quando as condições de propagação são boas, as distorções são mínimas. A propagação, entretanto, varia em função das horas do dia, dos meses e das perturbações solares. Quando essas condições são adversas, o recurso é alterar os comprimentos de

onda e as direções da antena, à procura de novos caminhos que ofereçam condições mais favoráveis de propagação.

A chamada Prática (Sadhana) consiste, no caso do Tantra, em preparar uma "psicoatmosfera" adequada. Isso equivale à geração de um Campo de Força. Para isso, o operador (sadhaka) tem de estar disponível, em condições favoráveis e aberto ao processo da comunicação. "Abertura" significa estar psíquica e fisicamente preparado. Para isso, é indispensável uma série de condições: correto posicionamento, ambiente e ação. Esse posicionamento pode ser Externo ou Interno. O externo consiste numa série de posturas (Asanas) que facilitam o processo. Isso é válido, principalmente, para o principiante, pois é mais fácil a operação fixa do que a móvel. Os que já dominaram todas as técnicas preliminares podem operar com o mesmo rendimento em qualquer situação. Além dessas posturas físicas, há um posicionamento emocional-mental. Não é possível a operação com o operador envolvido em emoções e pensamentos turbulentos. Para isso, é indispensável um ambiente calmo e preparado. A antiga tradição recomenda que tenhamos um local em nossas casas onde possa ser cultivada uma vida espiritual. Esse local será, de preferência, um quarto, ou um recanto onde o homem possa se isolar e fazer, sem interrupções, as suas práticas. Algumas religiões, como o Budismo sabendo das dificuldades para a obtenção dessa segregação, adotou o uso de oratórios chamados, no Japão, de Butsudan. Lá, são colocadas imagens do Buda ou dos instrutores das diversas escolas, objetos de ritual e oferendas. Geralmente nesses oratórios, encontram-se uma vela (Sabedoria), alimento (Concentração), incenso (Doação), água (Limpeza), flores (Essência), sino (Aspiração). Na tradição hindu esse local consagrado é chamado Ashram. Ali, há silêncio, limpeza e devoção. O silêncio é um fator importante na realização da prática. Sem ter o corpo, as emoções e a mente em paz, o processo não é estabelecido. Quanto à limpeza, chamada pelos hindus de Saucha, ela é considerada algo fundamental. Essa limpeza vai muito além da higiene do banho e da troca de roupas. Saucha é uma purificação na natureza interna do operador. É ela que o limpa, permitindo que ele vibre mais intensamente. Estabelecidas essas condições preparatórias, temos por fim a Ação que, como foi Visto no Capítulo 4, se dá em Pensamento através do Mantra em Palavra pelo Japa e em Ação através do Mudra.

Os rituais tântricos são emissões de ondas de determinado comprimento, intensidade e duração para atender a certas situações.

As finalidades da prática (Sadhana) são as seguintes:

1. Atingir a Libertação.

Existe na tradição de todos os povos a ideia de que o homem algum dia se libertará da segregação gerada pelo Karma, do sofrimento, atingindo, por fim, uma libertação. Essa tradição é especialmente intensa nos povos do Oriente, onde a reencarnação é aceita como uma verdade fundamental da Natureza. O processo do vir-a-ser (Samsara) algum dia será extinto e o homem alcançará o Nirvana o Satori o Samadhi, o Kalvalya etc. Essa libertação final leva o ser humano a atingir o estado de um Ser Perfeito uma Flor da Humanidade, um Buda ou um Tirtankara na tradição Jaina Essa grande Libertação é atingida depois de uma série de pequenas libertações secundárias, que são precursoras dessa libertação definitiva.

2. Culto ao Deus Manifestado.

A grande massa dos seres, entre eles os homens está totalmente inconsciente daquela Realidade Transcendente de onde é apenas uma parte tão importante como qualquer

outra. Esta afirmação causa ao ocidental, condicionado com a ideia do homem como o centro do mundo e a medida de todas as coisas, um arrepio. O estudante do Tantra apesar da limitação humana, começa na sua humildade a ser cômico dessa Grande Presença. E nele nasce uma consciência unitiva sob a forma do Amor ao Inefável. Certos rituais permitem intensificar esse processo de Amor emergente nascido no coração do crente. Em todas as religiões encontram-se práticas - como o Canto Gregoriano no Cristianismo, Invocações no Islamismo, Sutras ou Hinos no Budismo e Hinduísmo - que têm uma única finalidade: exaltar o Supremo, o nosso Pai, o Deus manifestado. Fazendo que O percebamos cada vez mais em nossas vidas diárias.

3. *Culto aos Devas.*

Há, na tradição de todos os povos, constelando as mais diversas consciências, a noção da existência de Seres Luminosos chamados de Anjos, Devas, Gandarvas e Apsaras, que são mensageiros da manifestação Divina. Os homens de Ciência dão a esses seres o nome de Leis da Natureza. E operam com eles utilizando os seus efeitos. Diz-se que cada Deva possui uma tônica vibratória, possui portanto um Nome, um Mantra, com que pode ser chamado. Nos rituais feitos aos Devas, são utilizados esses nomes-naturais para a obtenção de determinados resultados. Há, portanto, cerimônias que são puros agradecimentos a essas forças, onde se usam fórmulas que permitem a comunhão com eles.

O Universo, na visão tântrica, é povoado de divindades que não são como ilhas isoladas, mas aspectos de um grande Ser. Os Devas são considerados como sendo linhas de evolução através das quais o Supremo mantém os mundos no perpétuo trabalho do vir-a-ser. Eles têm claras funções na Natureza. Estão ligados ao mundo dos vegetais, das flores, dos frutos, aos diversos elementos naturais: ao éter, ao ar, ao fogo, à água e à terra. A antiga tradição fala de seres que moram nesses elementos. São os chamados gnomos, os anões, ligados à terra, ao subsolo e às suas riquezas; as sílfides, que vivem no ar; as salamandras, que vivem no fogo; as ondinas, que vivem no mar. Na Índia, eles estão presentes com seus nomes locais e com a ideia de que devem ser cultuados a fim de que as colheitas sejam favoráveis e as forças naturais benéficas. Por trás de uma árvore, por exemplo, está um Deva. O mesmo ocorre com as montanhas. Os que se interessarem pelo tema poderão pesquisar nas obras de Geoffrey Hodson: *Os reinos dos deuses* e *A fraternidade de anjos e de homens*. E verão surgir um extraordinário mundo novo.

4. *Comunicação com os Devas.*

Essa comunicação é possível, diz o Tantra. Só que temos de conhecer as correspondentes "linguagens". Elas utilizam as velas, o incenso, os cantos, a música e a poesia. Para isso, é necessário o preparo de uma atmosfera divina para invoca-los. Nos rituais tântricos budistas, há passagens dedicadas à invocação desses seres onde a presença dos sons é marcante.

5. *Aquisição de Siddhis.*

Os Siddhis são poderes latentes que existem no homem e que são mencionados no texto *Yoga Sutras* de Patañjali e abordados neste livro num capítulo próprio. Eles podem ser acelerados através da prática tântrica. Há sempre, nesse processo, o perigo do envolvimento com o Poder. O homem despreparado pode se queimar nesse processo quando tenta despertar antes do tempo. A presença do instrutor é uma condição básica deste processo. Sem ele o caminho é extremamente perigoso.

6. Alimentar os Pitris e Devatas.

Os Pitris são os antepassados que deixaram o corpo físico através do processo da morte, mas que ainda estão muito próximos de nós. Ainda sentem necessidade de alimentos e orações. As missas, os rituais no dia do falecimento, no sétimo, no trigésimo dia etc. são formas de alimentá-los. Muito antes de Lavoisier, o Tantra já afirmava que "na Natureza nada se perde, tudo se transforma". Essa transformação tanto ocorre no plano físico como no hiperfísico. A visão é, pois, muito mais abrangente. Os Devatas são entidades intermediárias e constituem uma espécie de auxiliares invisíveis que colaboram nas constantes "descidas" e "subidas" dos seres sensíveis, operando nas fases de sutilização e densificação.

7. Comunicação com Seres Divinos.

O Universo é composto de uma infinidade de seres, nas mais diferentes ordens, visíveis ou invisíveis para o Sistema de Referência Humano, mas tão importantes como ele no processo global. Existe, portanto, uma série de canais de comunicação abertos e outros, cujas "portas" poderão se escancarar. É lógico que esses "diálogos" só são possíveis em certas condições. A prática tântrica ensina alguns desses caminhos. Há toda uma possibilidade de comunicação com seres que não são humanos. Para que isso seja possível, é necessário que aquele que será o centro dessa comunicação esteja à altura de dominar todas as consequências que poderão surgir desse contacto. Não se abre impunemente a jaula de um leão se não se sabe domá-lo. "Montar" nele. Este é um dos inúmeros perigos que o Tantra nos mostra e uma das inúmeras razões por que suas práticas são esotéricas para a maioria (Fig. 13).



Fig. 13. Índia. Divindades. Marfim. Coleção do autor.

8. Evitar Más Influências.

Há toda uma série de técnicas para evitar as más influências, que vão das estações de

tratamento para sólidos, líquidos e gasosos, no plano físico, até as existentes nos planos psíquicos. É a esses planos sutis que o Tantra se dirige. Muito antes da maravilhosa intuição de Jung quanto ao inconsciente Coletivo, o Tantrismo já falava do oceano mental onde nos banhamos. A minha mente é igual à de todos, assim como a água do mar é idêntica quer esteja contida em enseadas, numa concha ou no alto-mar. O Tantra permite purificar o ambiente através do estabelecimento de verdadeiras estações de tratamento de objetos psíquicos que boiam livremente *in natura*. Em certos aspectos, os mosteiros, os Asharans, os locais onde homens aparentemente isolados passam as suas vidas em contemplação, têm esse papel de renovação do oceano mental.

9. Exorcismo.

É uma atividade ligada ao ritual, quando está canalizada para o ato de expelir alguma coisa que se queira rejeitar. O exorcismo equivale a uma limpeza. Para isso, recorre-se a certos Mantras, Mudras, que têm essa finalidade. São verdadeiras "vassouras" no plano psíquico.

10. A Cura de Doenças.

Certas doenças são perturbações nos planos sutis, que ganham raízes e se manifestam no físico. Essa cura dá-se pelo processo de ressonância. Há uma vibração que caracteriza o estado de saúde. O tratamento visa ao restabelecimento desse estado de sanidade. Para isso, o uso de Mantras e a imposição das mãos em certos pontos do corpo são fundamentais (Fig. 14).



Fig. 14. Japão. Yakushinyorai: o Buda médico.

11. Magnetização.

É possível, segundo o Tantra, estabelecer um campo magnético através da palavra, dos pensamentos e dos gestos intencionais. O campo magnético resultante da ação nesses três níveis provoca a indução de um campo semelhante. Os objetos podem ser magnetizados e adquirem essa "aura" magnética permanente. O ato de benzer, da imposição das mãos, os amuletos protetores, os "bentinhos" resultam do fato de ser possível "carregar" com uma força um objeto (Fig. 15). Na tradição tibetana, por exemplo, uma pintura religiosa

chamada Tanka, feita num rolo de pano, é verificada pelo sacerdote que impõe as marcas de suas mãos no seu reverso. Isso indica que a Tanka está viva e, a partir daí, passará a emitir essa influência ao seu redor.



Fig. 15. Japão. Talismã (Omamori). Coleção do autor.

12. Injúrias.

As práticas podem ser dirigidas para produzir malefícios, para transmitir uma influência à distância. Essas técnicas, que são usadas desde a noite dos tempos e que constituem o campo de ação da feitiçaria de todos os povos, são hoje usadas com os requintes da Ciência. É o caso das transmissões em micro-ondas dos russos bombardeando a Embaixada Norte-americana em Moscou, ou as transmissões de interferência para dificultar a recepção de programas de outros países.

13. Influências.

Utilizam-se certas técnicas para alterar o comportamento humano. É o caso do uso dos meios de comunicação de massa na propaganda para forçar certas atitudes no receptor. Da mesma forma, no plano psíquico, usam-se certos rituais para produzir determinados efeitos. É o caso das cerimônias executadas nas inaugurações, no lançamento de navios ou com os livros do Tibete. Um livro religioso é um centro de força, devendo ser tratado com todo o respeito. Quando, pelo manuseio e a idade, ele se deteriora, deve ser respeitosamente enterrado. Certas bibliotecas dos mosteiros tibetanos possuem livros não para serem lidos e sim para emitirem influências. Neste caso, eles são fechados, só podendo ser contemplados por pequenas aberturas. Ao serem fotografados, o *flash* revela a presença de estantes repletas de textos, muitos deles envolvidos em brocados. O livro é, portanto, uma presença magnética. A força daquilo que foi escrito reflete o pensamento de quem o escreveu. É o caso, por exemplo, dos chamados caligramas, no Japão. Um caligrama é a palavra escrita que vive pela expressividade da sua forma e do seu significado. A força do artista está ali congelada para sempre (Fig. 16).

14. Purificar.

É o processo de filtragem, já comentado, utilizado em benefício de milhões. Para isso,

a oração, a meditação e certos rituais são executados individualmente ou em grupo (Fig.17).



Fig. 16. Japão. Caligrama: O poder da letra.

Um dos aspectos mais deturpados da prática tântrica refere-se aos rituais dos 5 Ms. Os 5 Upacharas são considerados por muitos como uso desregrado de bebidas alcoólicas, de comida, de carne, de peixe e de práticas sexuais em grupo. É preciso considerar que cada Upachara apresenta três níveis de interpretação: O nível literal, o substituto e o esotérico.



Fig. 17. Tibete. Transe: O desmaio final.

Vejamos o que significam:

1- MADYA

Vinho (literal)

Água de coco (substituto)

Conhecimento interno de Deus obtido pela Yoga (esotérico)

2- MANSA

Carne (literal)

Sol, trigo, sésamo (substituto)

Todas as coisas relacionadas comigo (esotérico)

3- MATSYA Peixe (literal)

Radish vermelho (substituto)

Identificação consigo mesmo (esotérico)

4- MUDRA

Cereal (literal)

Arroz (substituto)

Abandono da associação com o mal (esotérico)

5 - MAITHUNA

União sexual com a mulher (literal)

Oferecimento de flores (simbólico)

União de Kundalini com Shiva-Shakti no chakra coronal (esotérico).

Vamos agora examinar com mais detalhes o mecanismo de operação de um Mantra. Esses conceitos poderão ser aplicados nos planos do pensamento e da ação. O Mantra pode atuar nesses 14 campos analisados. Um Mantra é um campo de força. As vibrações desse campo podem ser visualizadas num aparelho chamado osciloscópio. A diferença entre uma simples palavra e um Mantra é que a primeira possui muito pouca energia em si. O seu alcance é limitado. Há toda uma série de barreiras interferindo no processo de comunicação verbal. O Mantra, quando dito com a intenção correta, da maneira exata, se propaga como uma onda de rádio. Sendo um campo de força, possui uma potência determinada cuja função é transmitir. Para que a propagação se dê, é necessária uma antena. Como também um meio onde essa propagação se manifeste. O campo de força tem uma qualidade que é característica da nitidez e do aperfeiçoamento do mesmo. O pensamento de um homem comum é uma coisa difusa, indistinta, sem formas. Já o do homem desenvolvido, o mestre tântrico, é nítido, claro, preciso. C. W. Leadbeater, no livro *Formas de pensamento*, nos dá uma série de úteis hipóteses de serviço, extraordinariamente importantes, para os que querem se aprofundar no assunto. Cada pensamento é, portanto, uma forma que se propaga. Ele pode ser nítido, com cores definidas, ou difuso. Ao emitirmos corretamente um Mantra, nos transformamos num sol, num som vivo. Esse campo de força produzido em nós pode ser ativo ou passivo, dependendo das circunstâncias. Quando ativo, o processo de emissão é estimulado e o homem se transforma num transmissor. No passivo, ele é apenas um receptor.

TÉCNICAS DE MEDITAÇÃO

"A pureza e a impureza são nossas.
Ninguém pode purificar o outro."

H.P. Blavatsky

A meditação serve de apoio, de suporte à prática do Tantrismo. O *Yoga Sutras* de Patañjali é um texto clássico da Yoga. Ele nos fala dos 18 estágios dessa disciplina. São como que degraus através dos quais o discípulo pode aspirar àquele encontro com o seu verdadeiro ser: o Samadhi. A meditação é o próprio caminho que permite a realização desse encontro. Os homens estão em vários estágios de desenvolvimento. A escala na visão tântrica vai desde o Paçu, o homem mecânico, até o Dyvia, o liberto. A meditação é adequada a todos eles. É uma técnica na qual se procura, através de recursos físicos ou psíquicos, atingir aquele momento em que o "eu" cessa e se dá a percepção do Real. São inúmeros os caminhos para o mundo interior. No Oriente, temos uma verdadeira constelação de valores onde as principais estrelas são a Índia, a China, a Ásia Central, o sudeste da Ásia e o Japão.

A finalidade de todas elas é a libertação do sofrimento, a paz, a integração com o todo. A libertação do dualismo, do processo do vir-a-ser, que obriga a uma série quase infinita de mortes e renascimentos na busca da perfeição. Na Índia, esse processo é chamado de SAMSARA (vir-a-ser) ou LILA (jogo). A paz indicada como meta, por todas as Escolas, leva a uma participação intensa, ao êxtase, ao gozo místico. Ao "orgasmo" supremo onde se dá a cessação do eu e do tu. Os hindus, na Escola de Filosofia da Yoga, estudam os métodos para atingir os objetivos mencionados. A meditação é um dos últimos degraus nessa escala ascendente que leva à contemplação do Real. A sequência é: concentração, meditação e contemplação. O desenvolvimento da plena atenção é enfatizado como um método de ampliação do foco. Normalmente nossa atuação é difusa. Estamos sendo chamados, através dos estímulos sensoriais, para o percebimento de aspectos relativos da Realidade.

A grande maioria dos seres humanos é desatenta. A plena atenção pressupõe três fases: 1) pré-seleção; 2) seleção; e 3) ajustamento. Na primeira, dá-se a fixação do campo a observar; na segunda, a escolha do objeto a observar; e, por fim, o aprofundamento nesse objeto graças a uma focalização que se adquire pela prática.

A atenção subentende um observador (o), uma coisa observada (c), uma ligação entre ambos (l) e uma imagem refletida (i). Na maioria dos casos, a imagem refletida (i) é completamente diferente da coisa observada. Normalmente, só captamos alguns aspectos superficiais dela. A imagem é, pois, uma representação insuficiente. Sem nitidez. Para isso, temos que aumentar a sensibilidade do "filme", como se faz numa fotografia, iluminar melhor o objeto, focar com maior precisão. À medida que aumentamos o grau da nossa atenção, vai sendo revelado um admirável mundo novo antes desconhecido. A meditação é, pois, uma "porta" de entrada no desconhecido. Ela pode ser focalizada em quatro planos:

1.No corpo

2. Nas sensações
3. Nos pensamentos
4. Nos objetos da mente
- 5.

A focalização no corpo pressupõe:

a. *Atenção visual: forma, cor e textura.*

Na atenção à forma, destacam-se a proporção, a beleza e a harmonia. No caso da cor, temos a considerar a tonalidade, a intensidade e o brilho. Quanto à textura, há vários graus que vão desde a rústica até a lisa.

b. *Atenção auditiva: tonalidade, altura e timbre.*

c. *Atenção olfativa: agradável (perfumada), desagradável, inodora.*

d. *Atenção gustativa: doce, insossa, amarga, picante, adstringente, ácida.*

e. *Atenção tátil: áspera, macia, neutra.*

A focalização nas sensações vai desde a agradável à neutra e à desagradável em vários graus. Há uma imensa escala de valores que vão desde o prazer mais intenso à dor mais perfurante.

A atenção aos pensamentos cobre toda uma gama que se estende dos mais diferentes pensamentos representativos de objetos concretos até uma infinidade de pensamentos abstratos.

A atenção aos objetos da mente está dirigida aos conceitos que povoam a nossa mente.

Existe, pois, toda uma série de "linguagens" diferentes ligadas aos campos mencionados, muitas vezes com seus "dialetos" e "chaves" que são desconhecidos para a maioria. Vamos analisar algumas "chaves" do mundo da forma. A forma é uma "presença" com o seu volume, peso, equilíbrio. É energia concentrada no espaço e no tempo. Daí nasceu o conceito da Arquitetura, onde as formas, com seus pesos, proporções e equilíbrio são exploradas ao máximo, como sendo uma verdadeira música congelada. Quando essa forma é a de um círculo, temos o símbolo vivo da limitação do espaço; de um campo de força, que se propaga de um centro que representa o "ser" em direção à circunferência que nasce no limite do "não-ser". É, também, algo correlacionado com a Consciência e a Inconsciência. A circunferência é o eterno sem-princípio-nem-fim, simbolizado pelos gregos no Uroboros - a serpente que morde a própria cauda. É também, o zero; o vazio: Sunyata, a Plenitude; o ventre materno etc.

Vejamos o que nos fala, na sua "linguagem", uma flor.

Uma flor é um processo de desenvolvimento. De algo em expansão até a abertura total. Enquanto fechada, num botão, é a imagem viva da tensão. A flor aberta é a distensão, a plenitude. A flor, sob a forma de um lótus, de uma rosa ou de um lírio é mentalizada na meditação como estando situada no coração. A plena realização se dá quando todas as pétalas estão abertas.

Os elementos fundamentais da Natureza - terra, água, ar, fogo e éter, na tradição hindu - estão simbolicamente correlacionados a uma série de conceitos.

1. A terra (Prithivi) é o denso, o espesso, o estável. Sua característica fundamental é a inércia. Representa a longevidade, a escuridão, as trevas, a prisão, as correntes, a permanência. Sua cor é marrom. Sua forma simbólica é o quadrado e o cubo. Seus

elementos destruidores são o calor, o raio, a água e o vento. Para ser desintegrada, é necessária a presença do impacto, do sofrimento. A terra é o máximo da tensão.

2. A água (Apas) é o fluído, o círculo, a esfera, a gota, o instável. Sua tônica é a mobilidade. Simboliza as emoções, as sensações, os choques.

3. O fogo (Agni) é a destruição, a renovação, o calor, a luz. O dissolvedor das estruturas. Ele purifica, refina, tempera. Seu símbolo é o triângulo ou a pirâmide. É a intuição, a ascensão. Sua cor é o vermelho.

4. O ar (Vayu) é a leveza, a invisibilidade, as ideias.

Bolhas flutuando no espaço, onde se manifestam no plano mental as formas-pensamento. Há uma aura mental com cores, contornos, grau de nitidez e permanência.

5. O éter (Akasha) é a consciência, o local onde está o centro reflexivo da existência (Atma, Mônada, ou Espírito). É o território último (Tat), o divino, a raiz das coisas.

Outro símbolo muito utilizado na meditação é o coração. Representa o âmago, a essência, o mistério supremo. Nele surgem as chamas simbólicas da Sabedoria (Prajna) ou os espinhos da Compaixão (Karuna).

A cruz simboliza o encontro de dois mundos. O braço horizontal é o tempo, a continuidade. O braço vertical é um corte nesse processo; é identificado com a eternidade. Alguma coisa que vem de cima e nos transfixa o coração. O centro, o ponto de encontro é o "aqui-agora", a mágica junção do tempo e do espaço.

Esses poucos exemplos são apenas uma demonstração da imensa potencialidade contida num símbolo. As diversas "linguagens" com que ele se expressa para quem está atento.

Passemos ao exame de algumas "chaves".

1. As Chaves da Cor

O espectro luminoso com suas sete cores, onde três são as fundamentais: o vermelho, o amarelo e o azul. As sete nascem de três. Há uma linguagem luminosa correlacionando as cores e as emoções a centros de força. Há, hoje, uma Escola Cromoterápica que adota a medicina das cores na cura de neuroses e no alívio de psicoses. O Tantra identifica cada divindade, deva, ou ser com uma cor básica.

2. As Chaves do Som.

Diz o pensador chinês Chuang-Tzu: "A verdadeira indiferença não é indiferente. Quanto mais o individuo estiver apto a remover o seu pequeno ego (inclusive as ideias a respeito da moral) do curso da sua natureza profunda mais cheia de beleza e bondade será a música executada pelos deuses através desse bambu-oco". Nós somos esse "bambu-oco". Se não estivermos vazios, ocos, nunca seremos segurados (tocados) pelos deuses. São eles que executam em nós as suas músicas. Continua Chuang-Tzu:

"A música da terra canta através de milhares de furos. A música do homem é feita de flautas e instrumentos. Mas, quem faz a música dos céus?"

"Alguém está soprando em milhares de furos diferentes. Um poder está por trás disso e faz que o som nasça e morra. Que poder é esse?"

Na concepção tântrica, o Mantra é um instrumento (TRA) do pensamento (MAN). É força, poder. Cada divindade (força natural) está ligada a um som ou a um conjunto de sons. Nos rituais tântricos, utilizam-se as chaves das correlações entre os sons, cores e formas com propósitos definidos.

3. As Chaves do Gesto

Os Mudras são posturas simbólicas das mãos impregnadas de poder. Há força nos gestos. Há poder num Mudra (Fig. 18). Os efeitos do Mudra são produzidos pela energia que é emitida por cada dedo, que tem características vibratórias diferentes. As inúmeras posições possíveis num Mudra isolado (feito por uma só mão) ou dos Mudras resultantes da combinação de ambas, geram campos de força com características diferentes. Produzem "sons", que podem ser ouvidos pelos que têm a devida sensibilidade.



Fig. 18. Japão. Mudras diversos.

4. As Chaves da Ação Corporal

A dança é a transposição da impressão em expressão. É o efeito de uma mola que liberta a sua tensão nos gestos. A liberação dessa energia cósmica, que está em nós, pode ser feita sem esforço. Os derviches dançarinos, o TAI CHI chinês, os movimentos feitos em grupo ou isoladamente podem conter essa ação liberatória e propagar para o mundo as silenciosas vibrações da harmonia universal. A conotação sacra da dança está na sua origem. Na tradição hindu, a dança é uma SADHANA (uma prática) que poderá levar o homem até Deus. A presença de bailarinos nos templos da antiguidade é um testemunho da sacralidade da ação correta (Fig. 19).

A meditação é um oceano que se abre à medida que o homem vai adquirindo a técnica necessária para mergulhos mais profundos em si mesmo. Inúmeras são as técnicas à disposição dos verdadeiros praticantes.

Cláudio Naranjo e Ornstein, no livro *On Psychology of Meditation*, dizem:

"Minha exploração nos terrenos da meditação mostra que a essência da meditação é idêntica à da Arte, à da Religião, à da Magia e à da Psicoterapia. Assim como à essência de *fazer qualquer coisa na atitude correta*. Acredito que para quem medita com a compreensão correta toda a vida é meditação. E meditação é vida."



Fig. 19. Tibete. Dança sagrada.

Os efeitos da meditação são perfeitamente visíveis.

Podem ser acompanhadas em laboratório, sob controles rígidos, as modificações significativas de traçados de ritmos cardíacos, respiratórios, cerebrais etc. A Dra. Thereza Brosse, que viveu na Índia durante certo tempo fazendo pesquisas sobre a Yoga, afirma: A meditação tem duas grandes Escolas:

1. Concreta (com apoio de símbolos).
2. Abstrata (sem apoio de símbolos).

No primeiro grupo, incluem-se diversas técnicas que utilizam um ponto de apoio para manter a atenção. Entre esses pontos de apoio, incluem-se imagens, desenhos, que estão fisicamente diante do praticante ou intensamente mentalizados.

A meditação concreta desdobra-se em:

1. Meditação com apoio externo: símbolos físicos.
2. Meditação com apoio interno: ideias.

No caso da Escola Abstrata, não há qualquer apoio material ou ideacional. O esvaziamento deve ser total. Um exemplo é o Zazen, da Escola Budista Zen, onde o praticante assenta-se diante de uma parede, observa um ponto diante dos seus olhos e procura não se apegar aos pensamentos que passam diante dele como um rio.

Uma outra maneira para classificar a meditação é dividi-la em duas grandes linhas:

1. O caminho negativo.
2. O caminho positivo.

No caminho negativo, há um constante despojamento da realidade. Um verdadeiro *strip-tease*, O praticante rejeita tudo o que chega até ele afirmando: "Não é isso. Não é isso." O processo constitui-se numa sondagem progressiva em camadas superpostas de acontecimentos. É a chamada Via Purgativa, que constata a presença do Vazio por trás de

todas as coisas. Esse vazio, que os budistas chamam de SUNYATA, é o cerne, o miolo de tudo. A substância última. Nela estão mergulhadas as nossas raízes. Nesse "território último" todos estamos unidos. É ele a nossa meta. Nessa técnica, o praticante mergulha no inconsciente profundo e perde a sua identidade, a sensação de um eu à parte. Quando isso ocorre, sobrevém uma paz infinita, uma bem-aventurança externa, o Orgasmo Cósmico.

Já o caminho positivo adota a total identificação com a forma. Os objetos da meditação são visuais, verbais (os nomes dos deuses), acústicos (sinos, tambores) ou outros.

Sócrates, no primeiro diálogo de Alcibíades, assim fala:

"Se a alma deseja conhecer-se a si mesma, deverá observar-se na sua parte mais nobre, onde moram a razão e a sabedoria. Essa parte da alma é semelhante ao Divino. Desta forma, aquele que voltar sua atenção para dentro, aprenderá a reconhecer tudo o que seja de natureza divina."

A meditação é uma busca incessante de um meio para recuperar o equilíbrio perdido. Seu objetivo é o autoconhecimento. Pode-se fazer a pergunta clássica: Mas quem é o Ser que se conhece? O que é o eu? Na tradicional concepção budista, não há um eu permanente. O conceito de vazio, de vácuo, de Sunyata é muito significativo e profundamente científico em termos da Física moderna. É interessante o encontro de conceito semelhante no Ocidente na mística cristã. Ruysbroeck mencionava a "visão nua". Esse é um conceito idêntico ao da "observação pura" do Budismo. A visão pura das coisas, sem qualquer alteração, é semelhante ao "puro sentar" do Zen-budismo.

Quando estudamos a meditação nas suas inumeráveis escolas, vamos nos encontrar em "algo" que está além de distinções superficiais; hindus, budistas, jainas, cristãos ou muçulmanos. O místico medieval, Suzo, dizia:

"Se o homem não puder captar este assunto, que fique tranquilo. Então o assunto o captará."

O pináculo desse processo se dá quando o ego é dissolvido. Dá-se então uma total distensão quando o homem finito atinge o Infinito. É o Nirvana, o Satori, o Kalvalya, o Fana J'llah. O ponto se torna no TODO. Nesse estágio, cessa a separação entre o sujeito e o objeto. O observador e a coisa observada são agora uma coisa só. É um estado intenso de percepimento da realidade, onde não há lugar para nomes e conceitos. A essencialidade das coisas, que os budistas chamam de Tatatha, é revelada. O véu de Ísis foi levantado. Quando isso ocorre, os sentidos, através dos quais percebemos o mundo, se alargam. O "ver" torna-se no "vendo" onde não há mais véus, nem conceitos para dificultar a percepção. A "nudez" é total. O ouvir torna-se o "ouvindo", quando então o som que vibra em nós é o próprio ritmo natural da coisa "ouvida". O "bater" do seu "coração". O mesmo ocorre com os restantes sentidos. O "sentir" torna-se numa experiência em primeira mão do Universo. A própria criação que, perpetuamente, se renova, ocorre dentro de nós. Só que agora não há mais separação entre nós e os outros. É um estado "gerundial", de intensa participação no "aqui" e "agora". Algo semelhante ocorre quando salta uma centelha entre dois polos de nomes opostos, e o positivo e o negativo se anulam numa única centelha. Agora, só existe uma Luz intensa, sem sombras, do Eterno. Acima da relatividade dos opostos.

O TREINAMENTO

"Que a tua alma trabalhe em harmonia
com a Inteligência Universal, assim
como a tua respiração com o Ar."

H. P. Blavatsky

O aspirante ao Tantra é alguém que desperta diante do fascínio do mundo do Poder. Geralmente, começa a estudar sem plano determinado. Sente-se atraído por algo. Lê e ouve tudo o que chega até ele. E, geralmente, encontra um dos inumeráveis pseudogurus que lhe prometem despertar a Kundalini, abrir os Chakras, obter poderes miraculosos e tanta coisa mais. Se é uma pessoa de discernimento, com um karma favorável, ela desperta e vê, a tempo, a inutilidade e o perigo deste extraordinário mundo. Se continua sem um instrutor adequado, seu destino geralmente é numa prisão cada vez maior ou num hospital de alienados. Esse é um triste fato que pode ser constatado em todo o mundo. E que explica por que o verdadeiro Tantra é como um "fio de navalha" secreto. É preciso paciência, persistência, para que "algo" aconteça em nossas vidas. Se temos pressa e estamos interessados em resultados práticos, é melhor viver a vida e deixar de lado o Tantra. Uma coisa é certa e foi sempre assim: *Quando o discípulo está pronto o Mestre aparece*. O "estar pronto" requer humildade, discernimento, altruísmo, anseio por uma clara percepção espiritual, uma mente ardente, um coração puro. São os degraus da "escada de ouro", de que nos falava H. P. Blavatsky, que permitem ao aspirante galgar o Templo da Sabedoria Divina. O aparecimento desse sonhado "Mestre" se dá com o contacto direto com alguém nesse plano físico ou, o que é mais comum, com o aparecimento de uma voz interior, uma presença que se manifesta no momento exato. Não se trata de um processo mediúnico e, sim, da recepção de vibrações enviadas por alguém que existe situado no plano físico ou fora dele. O aparecimento dessa entidade, que o filósofo Sócrates chamava de Daemon marca o início do relacionamento entre o Mestre e seu discípulo. Começa então um processo de aperfeiçoamento do "aparelho". O interessado em Tantra torna-se um discípulo aceito. Dá-se um relacionamento efetivo, kármico, com o instrutor. O mestre passa a ser o responsável por seu aluno. São dados exercícios para melhorar o rendimento dos vários corpos que compõem o homem. Os circuitos internos, a "antena", as "bobinas", os "condensadores" e as "válvulas" são reformulados muitas vezes. O *transceiver* (transmissor-receptor) vai sendo construído gradualmente. É necessário que esse "aparelho" atenda a cinco condições básicas: estabilidade, sensibilidade, seletividade, durabilidade e robustez.

A estabilidade é a capacidade de um *transceiver* manter-se numa frequência sem variar. Uma vez devidamente aquecido, sintonizado, ele não flutua. É como a lâmina de uma faca. No caso tântrico, essa estabilidade é a Atenção Plena. Aquele ato de se entregar completamente a um ritual, a uma oração, a um Mantra, a um pensamento ou a um ato

sem flutuações. Em todo o momento, o ato é mantido. É essa Plena Atenção que dá poder à comunicação. Podemos aumentar nossa "potência" graças ao aperfeiçoamento da Plena Atenção. Com isso, amplia-se enormemente nosso raio de ação.

Já a sensibilidade é uma capacidade de reagir imediatamente a qualquer estímulo. Um aparelho sensível pode captar um sinal fraco e amplificá-lo.

Quanto à seletividade, ela permite discernir, num amontoado de transmissões simultâneas, a que ele deseja. Possui os "filtros" e supressores necessários para melhorar a operação.

A durabilidade e a robustez são qualidades que dão um alto valor ao equipamento, permitindo que ele opere nas condições mais adversas, auxiliando muitos seres que estão sob a influência de sua emissão.

Os conceitos básicos de radiodifusão são de grande valia nestas comparações, tendo em vista a grande semelhança existente entre os praticantes do Tantra e os equipamentos de rádio. Ressalto mais uma vez a importância de uma boa antena para se obter um bom rendimento na comunicação. A antena é fundamental na transmissão e na recepção. Ela tem que ser cuidadosamente preparada, localizada e orientada.

No estágio do treinamento, uma grande atenção deve ser dada às respostas de três perguntas: Como? Quando? Onde?

Como receber ou transmitir? Depende essencialmente da sintonia. Há toda uma série de estágios que devem ser obedecidos até que um *transceiver* esteja devidamente sintonizado. Todo esse procedimento vem descrito minuciosamente nos manuais de instrução. A primeira coisa é ligar o equipamento. No Tantrismo, esse "ligar" significa a firme determinação para executar uma operação de transmissão ou de recepção. Nem sempre estamos ligados na vida. Normalmente, estamos "desligados" dos acontecimentos. Depois, é dar um certo tempo para que o equipamento se aqueça. No caso tântrico, esse período é tomado pela visualização de uma entidade ou pela repetição mental de um Mantra. Depois, vem a fase propriamente da sintonia, quando mexemos nos botões, ajustamos dentro de certos valores indicados em instrumentos. O aparelho está por fim sintonizado, pronto para operar; também o praticante tântrico. A seguir vem a fase da orientação da antena, seguindo mapas e tabelas de propagação, e o início da operação.

O "quando" operar depende das condições de propagação. Em certas horas e locais, praticante e propagação se "fecham". Isso acontece também com o homem, quando à sua volta só existem campos fortíssimos de ruídos de todo tipo. Há momentos em que parecemos desligados para sempre do instrutor, do Mantra. E o desespero surge. É preciso pensar que algo semelhante ocorre periodicamente nas comunicações radiofônicas na Terra. Quando existem explosões solares de grande porte, há interferência nas comunicações via rádio.

Por fim, vamos tentar responder à pergunta "Onde?".

É muito importante o local onde nos encontramos. É lógico que, havendo possibilidade, devemos melhorar as condições de operação. Se estou num vale cercado de montanhas, devo colocar, se possível, o meu equipamento num lugar alto, a fim de que a transmissão ou a recepção sejam mais livres. É isso o que ocorre, por exemplo, quando usamos um aparelho radiotransmissor no interior de uma estrutura de concreto armado. Se nos aproximamos de uma janela, as condições de recepção melhoram extraordinariamente.

O mesmo ocorre na operação tântrica. O local é, portanto, fundamental para se preparar uma psicoatmosfera adequada. O ambiente é muito importante no processo de comunicação, como também a limpeza, a cor, o perfume e toda uma série de fatores.

A prática tântrica começa por um longo período de testes do discípulo por parte do seu instrutor. A paciência, a resistência, o desprendimento, a humildade, o sacrifício, a devoção e a fidelidade são testados em todas as situações. O praticante deve ser puro de corpo e mente e totalmente voltado ao supremo ideal de serviço aos outros. A operação tântrica pode ser executada em vários níveis. Dirigida a alguém que está presente ou distante, ou visando a coletividade. Para cada caso, é diferente o tratamento adotado. O caso de alguém presente à emissão de energia, à sua focalização, é diferente do caso em que a pessoa está afastada. Como será completamente diferente se não houver um foco a ser atingido e se se objetiva a coletividade. Em todas as situações, uma regra é mantida: cada caso é um caso diferente de todos os outros. O mesmo ocorre quando um músico executa uma peça que já tocou centenas de vezes. A execução naquele momento é diferente de todas as outras, pois o executante, as circunstâncias, o auditório, o público são diferentes. Cada momento é, pois, um novo momento. O praticante tântrico tem que ter a consciência desperta para esse fato. Quando se tem consciência disso, os pensamentos, as palavra-s e as ações ganham uma nova dimensão interior. E todos podem sentir os seus efeitos.

O treinamento exige uma fase de purificação do corpo, a fim de expurgar dele os componentes grosseiros, tóxicos, que se impregnaram pelos longos anos de mau uso, de hábitos, vícios etc. A Yoga, com suas Asanas, é de grande auxílio nessa etapa. A medida que os corpos, o grosseiro e o sutil, vão se tornando mais "flexíveis", eles recebem o treinamento através de uma série de exercícios de "ginástica" mental. O desenvolvimento da atenção leva à concentração, de onde resulta a meditação que levará o praticante à contemplação. Essas práticas de purificação e de exercícios devem ser mantidas a fim de não perdermos a "forma". O praticante tântrico é um atleta do espírito e, como tal, muito se aproxima na dedicação e no esforço ao atleta físico. Seu objetivo não é, entretanto, a fama, o sucesso, a riqueza, e sim ajudar ao próximo desinteressadamente. Se houver nessa ajuda qualquer interesse próprio, como é muito comum em diversos pseudos-instrutores espirituais, eles estarão irremediavelmente trilhando o caminho da mão esquerda e irão colher os efeitos kármicos no momento adequado.

AS MANDALAS

"Uma Mandala corretamente traçada é um livro em si mesma. Mas, para ler os seus símbolos, teremos que, primeiramente, aprender sua linguagem."

Robert S. Ropp

As Mandalas são uma planta do Universo sutil. Nelas, temos uma série de representações de divindades, devatas, elementos naturais devidamente hierarquizados a partir de um centro (Fig. 20). As Mandalas podem ser fixas e móveis. As fixas são pinturas feitas no chão, em paredes, em quadros ou rolos. As móveis são construídas no chão, usando-se pós coloridos, cordas e objetos diversos. Na Índia antiga, por exemplo, usavam-se cinco vasos que eram colocados no centro e nos quatro pontos cardeais. Como já foi indicado no Capítulo 3, há uma série de correlações que ocorrem nesses pontos. A Mandala é um reflexo do Cosmo. Na tradição da Mesopotâmia, o centro é o local em que passa o eixo do mundo em torno do qual o mundo gira. Neste ponto, está sempre o trono do Rei, a estrela polar ou a montanha central. A Mandala é, portanto, no dizer de Giuseppe Tucci, a projeção geométrica do mundo reduzida a um desenho essencial". O ponto central é a luz pela qual ansiamos.



Fig. 20. Tibete. Mandala.

O Brhadaranyaka Upanishad I m, 28, diz:

"Do irreal leva-me ao real,
das trevas à luz,
da morte à imortalidade."

O real, a luz e a imortalidade são os três aspectos de uma mesma coisa, de uma Consciência Absoluta, que está em nós pronta a eclodir. O trabalho na Mandala é um gradual despojamento do praticante levando-o do mundo de Maya (ilusão), de Avydia (ignorância) ao mundo da Sabedoria Transcendente (Prajna). O coração da Mandala está em correspondência com o nosso coração.

O Chandogya Upanishad VIII, 1,8, diz:

"Verdadeiramente, na extensão do espaço está o vazio dentro do coração. O céu e a terra estão nele. Agni e Vayu, o sol e a lua, também as estrelas, o raio e outras coisas que existem no Universo, e tudo o que não existe, existem naquele vazio."

Este vazio (Sunyata) é um "pleno" que tudo contém. O que "existe" e o que "não existe". O que "não existe" é o que não percebemos, pois está além da capacidade do nosso

Sistema de Referências. É nesse espaço do coração que se dá a redescoberta de uma realidade interior desconhecida para nós. Esse reencontro é, entretanto, gradual.

No texto Sadhanamala, Baroda, vol. I, p. 173, 1925, está descrito o processo:

"O místico (praticante) senta-se numa posição confortável e num lugar adequado. Deve começar a pensar na mandala solar de cor vermelha colocada sobre um lótus de oito pétalas, existentes no meio de seu coração. Então, lá, surge a sílaba Hum, de cor negra. Os raios de luz que brotam dela atraem ao espaço existente no meio do coração os Budas, os Bodhisattvas e outros seres celestiais. Após tê-los honrado com uma saudação, o místico deve confessar suas faltas, e de acordo com as regras da disciplina budista, deve tomar os três refúgios. Deve alegrar-se do bem alcançado pelas criaturas e se oferecer como um resgate pelo mal cometido pelos outros e jurar que irá atingir a Suprema Iluminação. Deve meditar nos quatro tipos puros de comportamento: a simpatia, a devoção, a alegria e o equilíbrio. Deverá compreender que este mundo não tem natureza própria, sendo desprovido de sujeito e de objeto, e que ele deve meditar no vazio absoluto, repetindo a fórmula seguinte: 'Na minha pura essência adamantina está o conhecimento do vazio.' Então, na mandala solar pousada na flor de lótus de oito pétalas e situada no plano do imaculado éter, ele deverá pensar na sílaba Hum como estando colocada no punho de uma espada que surge da sílaba Hum de cor negra. Os raios que dela emanam atraem todos os Budas e fazem que eles entrem na sílaba Hum. Então, ele deve meditar numa entidade (Sricandamahorosana) que surgiu dessa sílaba Hum.

"Ele deverá imaginar então que a espada - cujo centro é marcado pela letra Hum nascida do lótus e do sol no coração - se transforme numa segunda divindade da sílaba Hum. Do coração dessa segunda divindade ele deve imaginar uma espada reta, negra, marcada com a sílaba Hum que está no lótus e no sol. Os raios de luz emitidos por ela atraem uma terceira entidade usando a sílaba Jah. Tendo, então, lavado a boca com a água consagrada anteriormente, ele faz com que essa última divindade entre no seu coração, prendendo-o com a letra Vam e satisfazendo-o com a letra Hoh. Como a gota que volta ao oceano, ele deve considerar Deus uno com ele."

Aí temos, descrito com detalhes, o processo de integração do praticante na Mandala Universal. E o seu conhecimento (Gnosis) da realidade transcendente que está no âmago do coração de todos os seres. A Mandala física é um suporte, um instrumento, uma lente que permite captar essa realidade. Além das Mandalas, são muito usados nos rituais os chamados Yantras. A palavra Yantra é decomposta em "Yarn", significando "curvar", "domar", "reger", "controlar". Em última análise, "Yarn" é o fato de assumir o controle. A expressão "Tra", como já vimos, é um instrumento, uma máquina. Usa-se na Índia a palavra Yantra para os instrumentos de culto, ou seja, para imagens e diagramas geométricos. Ele tem por função: 1) representar uma certa divindade ou aspecto da manifestação divina; 2) um modelo construído no coração do devoto para receber determinada entidade após a execução de oferendas, Mantras, Mudras etc.; e 3) uma espécie de mapa, que servirá de roteiro para a gradual identificação do devoto com a divindade cultuada (Fig. 21).

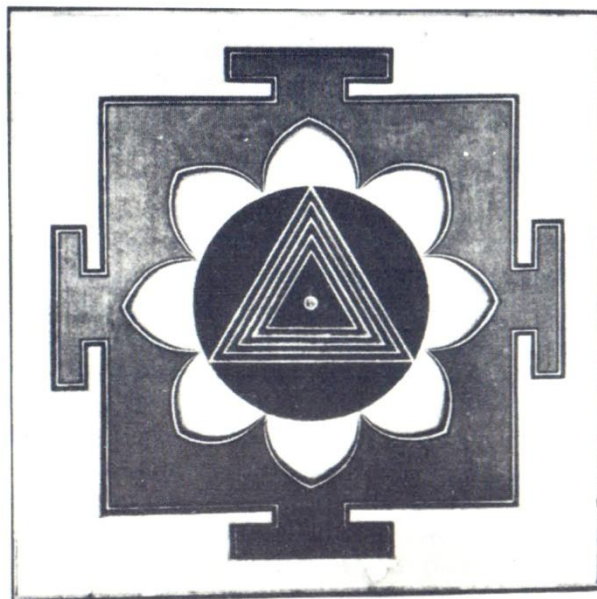


Fig. 21. Índia. Yantra: o poder da essência.

O Yantra é, pois, como se fosse uma máquina para dominar certas energias. Heinrich Zimmer, no livro *The Lamb, the Hero and the Man God*, entra em detalhes acerca do processo de divinização do Sadhaka (praticante). Diz ele: "Ninguém, a não ser que seja divino, pode cultuar com sucesso a divindade." O praticante que deseja a presença das entidades deve propiciá-la com um sacrifício. Na filosofia devocional tântrica, a suprema identidade que existe entre o devoto e o objeto da devoção é um fato inquestionável. Os chamados "deuses" nada mais são do que reflexos no espaço daquela realidade inteiriça chamada Brahman. A aproximação da Divindade dá-se no culto (Puja) graças à repetição de certas expressões (Japa). O Japa é a recitação rítmica dos Mantras, sons que refletem a essência das divindades. Não haverá essa identidade fundamental sem a presença da Fé. Uma fé nascida da experiência vivencial da realidade do devoto. Ela deve ser cultuada, protegida, estimulada. Para isso, muitos instrutores recomendam a presença de uma Mandala, de um Yantra ou imagens diante do cultuador, muitas vezes substituídas por uma virgem, ou pela própria esposa dele. A primeira fase da devoção consiste em contemplar intensamente a imagem mental da divindade e transferir a energia espiritual (Tejas) nela contida para a imagem grosseira (Mandala, Yantra ou divindade) que está diante de nós. Essa "impregnação" é chamada Pranaprastisha que significa "infusão do sopro vital". Ao terminar o ritual, o processo é invertido, dando-se a "expulsão do sopro vital" da imagem. A partir deste momento, ela não é mais a sede da Energia Divina, podendo ser posta de lado.

As Mandalas são utilizadas na cerimônia de iniciação (Abhisheka) quando o noviço de olhos vendados e segurando uma flor é conduzido a um salão onde existe, no chão, uma grande Mandala. Depois de rodear várias vezes o local, ele recebe a ordem para arremessar a flor em direção ao ponto em torno do qual estava girando. A divindade alcançada pela

flor será para sempre a sua protetora.

11

A CIÊNCIA DO DIVINO

"Todo o ar ressoa com a presença do
espírito e de leis espirituais."

H. P. Blavatsky

O Tantrismo é uma verdadeira ciência que pode levar o homem ao encontro do Supremo. Para isso, são necessárias certas condições operacionais que permitem o estabelecimento de verdadeiras "pontes". No Egito Antigo, no interior dos templos, eram executadas operações mágicas, que permitiam a obtenção de resultados surpreendentes. Os gregos que beberam essa tradição falam da THEURGIA, um outro nome do Tantra, como sendo uma arte e, em certos aspectos, uma ciência, que permite a obtenção de verdadeiros "milagres". Ou seja, permite alcançar resultados que parecem aberrar das leis da Natureza. Através dessas práticas teúrgicas, dizem os gregos antigos, é possível ao homem alcançar a *Theopneustria* - a impregnação com o Divino. Com isso, é possível obter a *Theophania* - o aparecimento de Deus, que leva ao último estágio, o da *Theopathia* - a transformação em Deus. As primeiras manifestações dessa ciência do Divino na Grécia dão-se com Orfeu, cujo culto envolvia a purificação, a ascese, a música e a dança. Numa continuidade manifesta, Pitágoras foi um órfico e sua escola foi uma das primeiras a ensinar a respeito de métodos teúrgicos, necessários para levar o homem à comunicação com aqueles poderes espirituais denominados "deuses". Platão foi um sucessor de Pitágoras e conhecia bem esses métodos. Como também, posteriormente, Ammônio de Saccas, Jâmblico, Plotino, Apolônio de Tiana e tantos outros. É possível, pois, encontrar-se no Cristianismo dos primeiros séculos da nossa era muitas dessas práticas consideradas "esotéricas". Todos os chamados santos com seus milagres podem ser considerados adeptos do Tantra. Pois suas ações miraculosas são o resultado de um processo que coloca em ação uma série de leis desconhecidas da Natureza e que parecem aberrar do senso comum.

No chamado Velho Testamento, deparamos com a figura de Moisés, que foi iniciado nos Mistérios do Egito e que, portanto, conhecia muito bem todas as operações ocultas. Essa linha tântrica ocidental, digamos cristã, sobreviveu na Idade Média graças aos trabalhos misteriosos dos alquimistas, como Paracelso, Roger Bacon, Saint-Germain, Cagliostro e tantos mais, e de ordens como a dos Templários, dos Rosa-cruzes, até chegar à nossa era "iluminada", onde ainda está viva em vários locais.

Mouni Sadhu analisa o tema com suficiente profundidade no seu livro *Theurgy*. Sendo a *Teurgia* a forma tântrica ocidental, é importante uma análise dos seus principais

postulados universais.

O primeiro é:

"O canal correto conduz à conquista correta." Nesta frase, está explícita a importância do meio condutor, do "canal", do "aparelho", para se obter um resultado satisfatório. Há, no entanto, toda uma série de condições a cumprir, tal qual acontece quando estamos diante de uma reação química. A Sadhana (prática) estuda todos esses estágios indispensáveis ao Trabalho, sem o qual ele não é alcançado.

O segundo postulado é:

"Existe uma consciência central, suprema, o Espírito, que tem pleno comando sobre as suas manifestações na Matéria." O Mago, o operador, tem que o conhecer, a fim de abrir um perfeito canal de comunicação até esse Espírito que comanda a Matéria.

O terceiro postulado dessa Arte-Ciência é:

"Há uma série de regras que permitem a aproximação desse Poder." Essas "regras" nada mais são do que o conhecimento das leis ocultas da Natureza.

Além desses três postulados citados, que são verdadeiros Teoremas, há também três corolários muito importantes:

1. Cada ser forja o seu próprio destino, através dos seus pensamentos, palavras e ações.
2. A forma mais efetiva de ação resulta quando voltamos nossas necessidades para o Supremo. Pois Deus, o Senhor da Criação, sabe o que é melhor para nós e não necessita de qualquer explicação.
3. A redenção, a libertação, a iluminação constituem um fato. Todos, algum dia, as atingirão.

Esses postulados e corolários mostram que toda a ciência tântrica está fundada num conceito básico de que há um Poder Supremo ao qual os homens dão nomes diversos. O fato fundamental é que ELE É, e nunca poderá ser provado ou desmentido. Todo o nosso complexo processo pensante, nossa capacidade cerebral, é impotente para descrevê-lo. ELE só poderá ser vivenciado, percebido na carne, quando cessa a ação do pensamento e "algo" se manifesta nas fibras do homem. É como uma presença nascida nessa além-mente, nessa não-mente que ELE se manifesta. Temos que ter a suficiente humildade para reconhecer que há coisas que transcendem a experiência individual, que nunca poderão ser comunicadas por simples palavras, pois procedem do desconhecido, daquilo que a memória não registrou. A Teurgia nos revela que *todos* os que tiveram experiências inefáveis não estão interessados em "jogar" suas pérolas aos "porcos". O mundo banal, mecânico e egoísta não é digno delas.

É importante Que o praticante tenha a consciência plena de Que é possível construir gradativamente em nós um "canal" através do qual se realiza o Supremo Poder do Inefável. Para isso, deverá haver uma verdadeira "revulsão" dos padrões rotineiros e condicionados. É necessário que voltemos nossa atenção para a imensa consciência, que está presente na menor partícula da matéria e em todas as suas combinações, que vão das mais simples às mais complexas. Todas essas operações tântricas são dirigidas por uma só fonte. É indispensável para esse trabalho possuir uma fé inquebrantável. Uma fé que é completamente diferente de seguir cegamente alguém ou um sistema. A fé é um poder extraordinário. Assim como a gravidade, as forças magnéticas ou o poder existente nos

núcleos dos átomos, ela existe. Nos Evangelhos, está dito claramente: "Se tiveres um grão de mostarda de fé, poderás remover montanhas." E preciso ter a consciência aberta de que a fé é uma força além das forças puramente físicas. Se quiseres ser, algum dia, um teurgista, um operador tântrico, tens que ter fé no poder que operas, pois não há operação tântrica sem fé!

A prática exige uma série de condições, a fim de que se estabeleça aquela relação adequada entre o operador e a fonte. É um processo de sintonia, para o qual é indispensável uma série de condições que, numa regra geral, são as seguintes:

a. Escolher a época oportuna, quando são mínimos os níveis de ruído e as possibilidades de interrupção. É muito importante a continuidade do processo. O "aquecimento" tem de ser mantido.

b. Nunca se alimentar copiosamente antes da prática.

c. Abandonar completamente o uso de bebidas alcoólicas, de drogas e de entorpecentes.

d. Ser, preferencialmente, vegetariano ou frugívoro.

e. Banhar-se antes da operação e usar roupa limpa.

f. Queimar um pouco de incenso de boa qualidade.

g. A luz do ambiente não deve ser nem forte nem fraca demais.

h. Sentar-se com as costas eretas. É muito importante a correta posição da espinha.

i. Executar uma prática respiratória para tranquilização.

j. Começar a operação com uma invocação dos poderes ocultos.

Alguns pontos básicos das práticas tântricas (ou teúrgicas) da mão direita:

1. Nada receber em troca.

2. Pessoas doentes não devem participar do grupo, mesmo que a operação seja para eles.

3. Para uma pessoa à morte, o trabalho deve ser feito preferencialmente no seu quarto.

4. Não iniciar um ritual teúrgico para satisfazer a curiosidade.

Um dos livros fundamentais para compreender o processo teúrgico é *On the Mysteries of the Egyptians, Chaldeans and Assyrians*, de Lamblichus (Jâmblico), um grande teurgista, místico escritor dos séculos III e IV da nossa era. Foi um neoplatônico, nascido em Cálcis, Celossíria. Muitos o consideram como sendo o fundador da Teurgia entre os neoplatônicos. Mas, ele foi, realmente, um revitalizador de uma tradição tântrica, que se estendia por todo o mundo antigo. É interessante revelar a posição de Jâmblico referente à alimentação:

"Aquele que for ligado com a natureza das 'aparências divinamente luminosas' sabe que é necessário abster-se de todos os pássaros e alimentos animais em geral, especialmente para quem deseja acelerar sua liberação dos problemas terrenos e unir-se com os deuses celestiais."

Vamos agora apreciar a profundidade do pensamento de Jâmblico através da tradução comentada de alguns trechos ao texto citado.

Capítulo I

"Hermes, o deus que preside a linguagem, era primeiramente, de forma muito adequada, considerado como sendo um nome comum a todos os sacerdotes."

Comentário:

Hermes aparece aqui como sendo o princípio da Sabedoria infinita, a sua raiz comum. A linguagem a que Jâmblico se refere não é a que comumente conhecemos. Mas a que é composta pelos verdadeiros "nomes" das coisas. Das suas vibrações. A linguagem dos deuses permite essa compreensão acima dos idiomas particulares. O mito da Torre de Babel nos dá uma insinuação do que está por trás dele. Hermes ainda hoje está vivo. Ele é o sentido profundo, esotérico do que está por trás da forma, do símbolo, do mito.

"..., e o poder que preside a verdadeira ciência relativa aos deuses é uma e a mesma em todas as coisas."

Comentário:

A ciência verdadeira aparece aqui como sendo o conhecimento da coisa em si mesma, em sua essência. Essa é a "verdadeira" Ciência. Ela é a mesma, quer se trate de deuses, de homens ou de todas as outras coisas. É apenas uma questão de hierarquia. De "consciência".

"... portanto, os nossos ancestrais dedicaram as *invenções* de sua sabedoria a essa divindade, dando a todos os seus escritos o nome de Hermes."

Comentário:

A palavra ancestral qualifica uma cadeia de sucessão. De mestres a discípulos, através dos quais a chama chegou até nós e continua acesa. As "invenções" de sua Sabedoria subentendem a manifestação dessa Sabedoria através do homem. O Rishi, na tradição hindu, o Nabi, na judaica, são os veículos que permitem a manifestação dessa Sabedoria.

São eles que permitem o transporte dessas presenças no plano ideal, a vivência, a presença do real no plano temporal. Hermes, mais do que um personagem histórico é, aqui, a tradição viva da Sabedoria manifestada aos homens, graças a adequados instrumentos.

"Se, portanto, participamos de uma porção desse Deus, adaptado e comensurável aos nossos poderes, fazeis bem em propor as vossas dúvidas teológicas aos sacerdotes, fazendo com que eles as conheçam."

Comentário:

Deus está limitado na justa capacidade de cada coisa. Cada ser o possui na justa possibilidade de contê-Lo, assim como uma concha na praia contém o oceano nos limites de sua capacidade. A dúvida é a barreira que me impede de senti-Lo, de percebê-Lo, que me afasta do que realmente sou. Compete ao amigo auxiliar-me nesse sofrimento. Perguntai, batei e tudo vos será dado. Ousai!

"Pitágoras, Platão, Demócrito, Eudoxo e muitos outros antigos gregos não obtiveram a instrução apropriada dos antigos e sagrados escribas simplesmente seguindo-os."

Comentário:

Muito mais importante do que seguir e copiar é "Ser". Os escribas sagrados foram os Mestres da Sabedoria, os transpositores do divino na Terra. Os "homens-ponte", que permitiram que essa ligação continuasse aberta até hoje.

"Mas vós, que sois nossos contemporâneos e pensais como os antigos, sereis frustrados no vosso desejo por aqueles que agora são os chamados 'preceptores comuns'."

Comentário:

Os mestres comuns geralmente impedem o percebimento dos antigos, pois não dispõem de sensibilidade necessária para isso. O seu conformismo, às regras, a sua

mecanização de raciocínio, são barreiras à compreensão.

"Eu agora me dedico à presente discussão. E, por favor, imaginai que a mesma pessoa a quem enviastes uma carta está dando uma resposta. Ou, se parecer mais adequado, pensai que sou eu quem vos escreve especialmente, ou que seja um outro profeta do Egito que está escrevendo."

Comentário:

É necessário que tenhamos a certeza de que o livro foi escrito para nós. As palavras então se encaixam sob medida no alvo certo. Quando estabelecemos um laço pessoal com o texto, ele adquire características especiais. É o mestre que passa a falar em suas frases.

"Ou, penso que ainda é melhor, não considereis se quem vos fala é de uma categoria superior ou inferior, dirigindo apenas a vossa atenção para o que foi dito, de forma a, rapidamente, poderdes julgar se o que está sendo dito é verdadeiro ou falso."

Comentário:

Quando qualificamos e passamos a aceitar, passiva e piamente, ou a rejeitar o que está sendo dito em virtude da imagem que criamos da autoridade de quem nos fala, estamos completamente desligados do verdadeiro "significado" do texto. Sejam os abertos!

No capítulo II há um trecho em que Jâmblico se refere diretamente às "operações divinas". Ei-lo:

"... e as coisas, que exigem a experiência das operações divinas para um acurado conhecimento delas, serão explicadas, na medida do possível, apenas por palavras. Mas, para aqueles que estão cheios de teoria intelectual, as desenvolveremos visando a purificação da alma."

INVOCAÇÃO DE ENTIDADES

"O sábio olha o espaço e não considera o pequeno como sendo muito pequeno, nem o grande como muito grande. Ele sabe que não há limite para as dimensões."

Lao Tzu

O Tantra é uma espécie de Química Oculta que utiliza uma série de poderes que não são do conhecimento do homem comum. O seu mundo é constelado de forças, de entidades, de espíritos da Natureza que fazem parte da estrutura cósmica. Em todos os rituais são invocadas entidades de várias ordens. Há, para isso, uma sistemática, uma metodologia, muito parecida com a que preside às reações químicas. O processo desencadeia poderes que são muitas vezes superiores aos puramente humanos. O Prof. Benoytosh Bhattacharyya, nascido na Índia, em 1897, foi professor de várias universidades e autor de vários livros sobre o Tantra. É considerado como uma das grandes autoridades modernas nesse campo. Escreveu *Indian Buddhist Iconography, Introduction to Buddhist Esoterism, Sadhalamala* e mais de duzentos ensaios

Em *An Introduction to Buddhist Esoterism*, ele relata uma terrível experiência pessoal no campo das invocações.

Antes de iniciar seriamente o estudo do Tantra, ele quis testar pessoalmente a eficácia de alguns Mantras. Para isso, escolheu um Mantra que, segundo a tradição, está ligado a uma divindade tibetana chamada Tara. O Mantra é:

OM TĀRE TUTTĀRE TURE SVĀHĀ

Começou todas as noites a repeti-lo com todo o rigor e total devoção. Durante quinze dias, repetia o Mantra sempre que estava livre. Costumava fazer essa enunciação com os olhos fechados, para que não houvesse desvio da atenção e qualquer visão pudesse ser logo percebida. Certa ocasião, diante dos seus olhos fechados, relampejou uma luz branca, notável. Dentro dela, ele viu claramente a figura da deusa, tão perfeita, em todos os seus membros que não podemos descrevê-la com palavras. A deusa sentava-se num duplo lótus e tinha na mão esquerda algumas folhas, enquanto na direita segurava uma pedra preciosa

de grande brilho. A divindade permaneceu nos seus olhos durante certo tempo e desapareceu envolvida na luz branca. O Prof. Bhattacharyya ficou satisfeito e continuou, após esse evento, a repetir o Mantra sempre que se encontrava em dificuldades.

A deusa Tara é uma divindade benéfica. Mas agora ele desejava testar uma divindade maléfica. Escolheu Ugratara, que tem um poderoso Mantra:

HRIMS TRIM HUM PHAT

Começou, como antes, a repeti-lo vigorosamente em todas as ocasiões. Aconteceu que, uma semana após, à noite, ele viu forte luz azul colorindo todo o céu. Lá emergia a feroz divindade Ugratara, de cor escura, extremamente inspiradora do medo, com suas pernas grossas e a cabeça encostada no teto do quarto onde ele meditava. Ela tinha o cabelo desgrenhado que cobria o teto. Sua face era horrível, cheia de cólera, com três grandes olhos ensanguentados protuberantes e dentes aguçados à mostra. Ela segurava nas mãos uma faca e um vaso cheio de sangue. Seu peito estava coberto por uma guirlanda feita de caveiras que faziam um terrível ruído quando batiam umas de encontro às outras. Essa visão terrível fez com que ele parasse de repetir o Mantra. A visão perdurou meio minuto, que lhe pareceu uma eternidade. Depois, ela desapareceu lentamente no ar.

Diz o professor:

"Os acontecimentos relatados eu os mantive secretos, nunca os divulgando a ninguém, nem nunca escrevi nada a respeito deles em livro ou artigo. Pensando que, para aqueles que praticam essa Sadhana para invocar divindades, a minha experiência pudesse ser útil, eu a revelei pela primeira vez aqui."

A experiência relatada é suficientemente conclusiva para alertar os que se intrometem neste campo sem a devida experiência. Como uma forma geral, é indispensável uma sólida preparação psicofísica do aspirante. Uma espécie de "focalização" do operador, um aquecimento dos veículos que serão utilizados no processo. Mouni Sadhu, na obra citada, *Theurgy*, sugere alguns procedimentos que poderão ser adaptados. Esses procedimentos equivalem à fase de preparo do atleta para uma competição, quando os músculos são trabalhados, a respiração equilibrada e a mente tranquilizada.

Ao iniciar o trabalho, deve-se recitar com profundidade a seguinte fórmula:

"Senhor, tu que és o criador desta humilde criatura, e que a mantens em Teu augusto Seio e que um dia me levarás ao encontro do que És, vem em meu auxílio. Humildemente peço que me salves dos males que constituem os grilhões do homem: o orgulho, o egoísmo, a inveja e a cólera. Concede a este teu humilde criado o Espírito da Pureza, do despojamento, do Amor e da Paciência.

O meu augusto Senhor e Mestre, que em mim te manifestas neste instante, permite que eu veja as minhas próprias limitações e nunca julgue um irmão!

Abençoa-me com a tua Proteção e faze de mim um instrumento para a Tua augusta obra!

Assim seja!"

Uma invocação desse tipo, ou algo semelhante, deve ser dita com toda a concentração. Meditando em cada palavra. Sentindo-a no nosso ser como uma estrela viva. Deve ser repetida num tom alto, ou mentalmente, quando não houver suficiente privacidade, durante pelo menos três vezes, com o oficiante voltado para o Leste. Curve-se lenta e reverentemente, cada vez que terminar a prece inicial. Dependendo da tônica de cada oficiante, poderá ser usada uma fórmula cristã, hinduísta, budista etc.

Vamos a alguns exemplos que poderão ser usados:

Cristã:

Ó Eterno Absoluto, cujo raio infinitesimal lutando através de encarnações Eu Sou, digna-te a dirigir meus passos em Tua direção!

Ó Luz, na qual não há sombras, ilumina o meu caminho!

Ó Bondade sem medida, enobrece meu coração em relação aos meus irmãos homens!

Ó Infinito, Sabedoria que tudo penetra, faze-me compreender a menor fração dos Teus desígnios!

Ó Absoluto, puro Amor, destrói cada traço do pecado primordial que exista em mim, que é aquela sensação de separação da existência!

Ó Verdade Única, além das imagens e pensamentos, deixa que o Teu reflexo more em mim, cego que sou pela ignorância. torturado pelas dúvidas!

Ó Tu que és a Única Finalidade, guia os meus passos para a união Contigo, permitindo dessa forma que preencha a Tua Vontade e atinja a Paz!

Em minhas lutas, dá-me o poder de suportar, ó Senhor! Em meu desespero, envia-me o anjo da Tua esperança! Na minha tristeza, permite-me provar Tua ilimitada alegria!

Nas minhas dificuldades, deixa-me sentir Tua ilimitada alegria!

Deixa-me, nas minhas dificuldades, sentir Tua Harmonia absoluta!

Aqui está o filho pródigo aos pés do Pai! Ensina-me tuas direções pelo eterno livro da Vida!

Budista:

Ó Amitaba, luz ilimitada que penetra em todo o mundo.

Ó Senhor da Compaixão, que seque os passos dos teus predecessores.

O Mestre do Nirvana, que reina na plena bem-aventurança da Conquista.

Abençoa minha senda ao longo dos inumeráveis degraus da roda da vida.

Ensina-me a reconhecer Maya em todas as suas infinitas fórmulas!

Destrói, deste modo, o "teto" da minha prisão à ilusão!

AUM MANI PADME HUM! A conquista é certa!

Hindu (Gayatri):

Meditemos na glória do Um que criou este Universo. Que ele ilumine as nossas mentes!

INVOCAÇÃO AOS ESPÍRITOS DA NATUREZA

1. Aos Espíritos do Ar: as sílfides

Espírito de Luz, de Sabedoria, cujo sopro traz e tira a forma das coisas. Tu, diante de quem a vida dos seres é como uma nuvem instável ou um vapor que rapidamente passa. Tu, que produzes as nuvens e que cavalgas nas asas do vento. Tu, que ao exalares fazes com que o espaço infinito se torne habitado. Tu, que inalas e fazes com que tudo que nasceu de ti a ti retorne. Sê para sempre abençoado! Tu és o movimento eterno na eterna estabilidade! Nós te glorificamos e abençoamos no mundo mutável das luzes criadas, das sombras, dos reflexos e das imagens, e aspiramos incessantemente pela tua luz imóvel e imperecível.

Penetra em nós com um raio da tua inteligência e o calor do teu amor; então o que se move será fixado, a sombra se tornará em corpo, o espírito do ar numa alma, o sonho num pensamento. E nós não seremos mais levados pelas tempestades e nos seguraremos, firmes, nas rédeas dos cavalos alados da madrugada e dirigiremos o curso das mentes da noite para que possamos voar diante de ti.

O espírito dos espíritos; ó eterna alma das almas; ó imperecível sopro da vida; ó suspiro criativo; ó boca que exala e inala a existência de cada ser vivo no fluir e refluir de teu eterno mundo; ó oceano divino do Movimento e da Verdade!

Amém!

2. Aos Espíritos do Fogo: as salamandras

Ó imortal, eterno e incriado pai de tudo, que voas na sempre rolante carruagem dos mundos.

Dominador das eternas imensidões onde se eleva o trono do teu poder, de cujas alturas os teus olhos tudo alcançam e observam. Com teus belos e santos ouvidos, que a tudo anotam, ouve as tuas crianças, a quem amas desde o nascimento das idades! Pois a tua dourada, grande e eterna majestade resplandece diante do mundo e do céu de estrelas. Tu estás acima delas, ó fogo cintilante! Lá, queimas e te entreténs pelo teu próprio esplendor, Que emite da tua própria essência inexauríveis jorros de luz que alimentam o espírito infinito.

Este espírito infinito tudo alimenta e dele emana esse inexaurível tesouro da substância que está sempre pronto para a geração e que produz e adapta as formas que impregnaste com os teus elevados princípios.

É desse Espírito que aqueles mais santos reis que rodeiam o teu trono e formam a tua corte obtiveram a sua origem. Ó Pai Universal! Ó Único! Ó abençoado Pai dos mortais e imortais!

Tu criaste poderes que são maravilhosamente semelhantes ao teu pensamento eterno e à tua adorável essência. Tu os estabeleceste como sendo superiores aos anjos que anunciam a tua vontade no mundo. Finalmente, Tu nos criaste no terceiro posto, no império dos elementos. Lá, o nosso contínuo exercício é o de louvar-te e adorar os teus desejos. Lá, estamos constantemente queimando e aspirando possuir-te. Ó Pai, ó Mãe, a mais terna de todas as mães! Ó admirável arquétipo da maternidade e do puro amor! Ó filho, flor de todos os filhos! Forma de todas as formas. Alma, Espírito, Harmonia de todas as coisas!

Amém!

3. Aos Espíritos das Águas: as ondinas

Ó terrível rei do mar, que possuis as chaves das cataratas celestiais e que aprisionas as águas subterrâneas nas cavernas da terra. Rei do dilúvio e das chuvas da primavera. Tu, que abristes a origem dos rios e fontes e que comandas a humanidade, que é como o sangue da terra e que se torna a seiva das plantas, nós te adoramos e invocamos as tuas móveis e mutáveis criaturas!

Fala conosco nos grandes movimentos do oceano e trememos diante de ti. Fala conosco no sussurro das lípidas águas e então ansiaremos pelo teu amor.

Ó imensidade, na qual todos os rios do ser que renascem em ti se perdem! Ó oceano da infinita perfeição! Ó alturas que te refletas nas profundezas! Profundezas que exalas na altura, conduze-nos à verdadeira vida através da inteligência e do amor!

Conduze-nos à imortalidade através do sacrifício, a fim de que algum dia possamos achar valioso oferecer a água, o sangue e as lágrimas para a remissão de erros.

Amém!

4. Aos Espíritos da Terra: os gnomos

Ó Rei invisível, que tomas a terra como teu fulcro e que escavas em seus abismos a fim de enchê-los com a tua onipotência. Tu, cujo nome faz tremer as arcadas do mundo e que fizeste os sete metais fluir nas tuas pétreas veias, Ó monarca das sete luzes, dos trabalhadores subterrâneos, conduze-nos ao desejado ar e reino da luz! Nós acordamos e trabalhamos incessantemente, buscamos e esperamos através das doze pedras da Cidade Santa, através dos talismãs enterrados, através do eixo magnético que passa pelo centro do mundo. Ó Senhor, Senhor, Senhor, tem misericórdia dos que sofrem, amplia os nossos peitos, desvencilha nossos corações, alarga-nos! Ó estabilidade e movimento. Ó dia envolvido pela noite, Ó luz velada pelas trevas! Ó mestre que nunca deixas de pagar o justo salário aos teus trabalhadores! Ó brancura prateada! Ó esplendor dourado! Ó coroa de diamantes vivos e melodiosos!

Tu, que sustentas o céu no teu dedo como um anel de safira, que ocultas debaixo da terra, num reino de pedras preciosas, as maravilhosas sementes das estrelas!

Vive, reina e sê o eterno dispensador de riquezas, cujos guardiões foram feitos por ti!

Amém!

O TANTRA PRÁTICO

"O sábio faz o bem tão naturalmente como respira."

Provérbio hindu

O ritmo da vida moderna cada vez mais nos volta para fora e nos aleija internamente. A aceleração desse ritmo se reflete na superficialidade com que encaramos os fatos, na pressa que nos faz perder a penetração nos abismos do Ser. No sentido utilitário que damos às coisas. Na atividade incessante para acumular riquezas, honrarias e títulos. Na disputa por um lugar ao sol, lançando mão de todos os recursos. Na mecanização. Na violência e no prazer a qualquer preço. Essa agitação tetânica é alimentada, em grande parte, pela noção absurda da existência de uma só vida. E no conceito estúpido de que tempo é dinheiro. Diante desse quadro caótico, como harmonizar todas essas técnicas e restrições no nosso viver diário? Como viver, simultaneamente, em dois mundos completamente diferentes: no grosseiro e no sutil? Essas são as questões que certamente estarão na mente do leitor mais atento. Olhar o aspecto prático das coisas é uma característica de nossa época materialista. Tudo o que diz respeito à mística, à metafísica e ao esotérico é posto de lado como inútil e geralmente rotulado com o nome de "poesia". Poesia passou a ser, para os utilitários, bem como todas as questões referentes ao ser profundo, à origem das coisas e a seus efeitos não perceptivos, algo sem valor. Esquecem-se os detratores que a Poesia, na tradição antiga, era uma Arte Maior que permitia ao homem expressar o indizível. Voar acima dos limites da mente. A Poesia tem as suas raízes no Absoluto... De lá, vem o frescor das imagens que nos tocam. O Tantra prático consiste em como colocar a poesia no cotidiano. Como ajudar os que sofrem. Como purificar o ambiente. Para que se torne efetivo esse processo de ajuda, é necessário, antes de tudo, uma atitude correta do operador. Essa atitude consiste numa tomada de consciência de que podemos atuar no mundo, modificando sensivelmente as condições existentes. Para isso, uma firme vontade é necessária. Essa ajuda pode ser efetuada com o operador imóvel ou móvel. A condição imóvel é mais favorável à emissão dos influxos. Já a móvel permite que ele atue em qualquer circunstância da sua vida. Andando ou nos deslocando com qualquer veículo, podemos emitir pensamentos de Amor, de Simpatia, de Saúde aos que estão à nossa volta. Ao entrar num ônibus, num elevador, ou ao andar pelas calçadas apinhadas de gente, podemos focalizar alguém que esteja a nossa frente, um desconhecido, e emitir para ele toda uma série de pensamentos positivos. O mesmo ocorre

quando ouvimos o ruído de um avião à distância; emitimos pensamentos para que a viagem seja tranquila e feliz. Essa constante atitude atuante, desperta, operativa, reforça, pouco a pouco, a capacidade de auxílio do operador. Ele se torna então um centro ativo de emissões que será, sem dúvida, utilizado pela Grande Hierarquia de Poder, que tem no seu ápice o Rei do Mundo. Os que se interessam por este assunto podem consultar as seguintes obras: *O rei do mundo*, de René Guenon, *Os mestres da sabedoria*, de John Bennett, *Os mestres e a senda*, de C. W. Leadbeater.

O Tantra tem, portanto, eminentemente uma função de saneamento do ambiente em que estamos mergulhados. É ele o maior agente de combate às epidemias psíquicas que assolam o mundo. Quer seja na ação sobre indivíduos ou em relação ao Todo, o Tantrismo está, constantemente, procurando remover impurezas, doenças ou tensões do mundo em que vivemos. Não devemos esquecer a outra face da moeda: a da mão esquerda que trabalha, como já foi indicado, em direção oposta. No período que vivemos, Kali Yuga - a Idade Negra - essa face parece prevalecer na ênfase à violência, à desarmonia, à negação da vida e à perversão. É por isso que o Tantra da mão direita é tão importante na sua função purificadora, curativa, harmonizadora, sutilizadora. O operador da face branca é um elemento ativo numa gigantesca rede de seres que têm propósitos semelhantes. Em pouco tempo, ele ganha a consciência de que não está só. De que o seu trabalho vibra unissonamente com um Trabalho semelhante em escala superior. Nesse trabalho, cada elo da cadeia é importante. No Budismo Mahayana, na Escola da Terra Pura, há uma fórmula que deve ser repetida diariamente pelo devoto. É o chamado Nembutsu. A expressão significa "recordar", "vivenciar", "tornar-se" um Buda. A fórmula é: NAMU AMIDA BUTSU. Ela deve ser repetida (Fig. 22). A medida que "trabalhamos" o Nembutsu, ele se torna uma segunda natureza. O mesmo ocorre com o Mantra OM MANI PADME HUM! para os tibetanos, que significa "Salve a joia que está no lótus!" Ou com o cristão quando repete "Cristo protege-me!", ou com o muçulmano no seu "Lá iláha il-lal-lah" (Não há Deus a não ser Deus). Inúmeras outras poderiam ser citadas. Todas têm a sua raiz na experiência direta daquela realidade transcendente, que os homens chamam por nomes diversos, mas é como um sol que, apesar de ser chamado com milhares de nomes, nos inúmeros idiomas e dialetos humanos, é fundamentalmente "algo" que está além desses nomes. O praticante do Tantra é um homem prático. Ele sabe que pode atuar em pensamento, palavra e ação. Tem a convicção que poderá modificar o curso dos acontecimentos de acordo com certos objetivos benéficos. Poderá colocar-se a serviço da Hierarquia que procura auxiliar o trabalho do vasto desígnio, ou do lado dos que dificultam e escravizam a humanidade, aumentando o sofrimento no mundo. A opção está aberta. A senda, escancarada sob os nossos pés. Só falta dar o primeiro passo. Isso depende somente de Ti!



*Fig. 22. Japão. Amida:o Buda da sabedoria e da compaixão.
Coleção do autor.*

BIBLIOGRAFIA

- (autor desconhecido), *Guhyasamaja Tantra*
Agehananda Bharati, *The Tantric Tradition*
Alex Wayman, *The Buddhist Tantras*
 Yoga of the Guhyasamajatantra
Alexandra David-Néel, *Magic and Mistery in Tibet*
Apuleio, *O asno de ouro*
Arguelles, *Mandala*
B. Battacharyya, *Buddhist Esoterism*
 The Indian Buddhist Iconography
Bose & Haldar, *Tantras: Philosophy and Secrets*
C. W. Leadbeater, *O chakras*
 A vida oculta na Maçonaria
 O lado oculto das coisas
 Formas de pensamento
C. W. Leadbeater e A. Besant, *Química oculta*
D. N. Bose, *Tantra Their Philosophy and Occult Secrets*
Detlef Lauf, *Secret Doctrines of Tibetan Book of the Dead*
E. Dale Sanders, *Mudra*
Geoffrey Hodson, *O reino dos deuses*
George Roerich, *Blue Annals*
Getty, *The Gods of Northern Buddhism*
Giuseppe Tucci, *Teoria e prática da Mandala*
 Tibet
 Tibetan Painted Scrolls
Gopi Krishna, *O despertar da Kundalini*
Hazrat Inayat Khan, *The Mysticism of Sound, Cosmic Language*
Heinrich Zimmer, *Myths and Symbols in India Art and Civilization*
Jâmblico, *On the Mysteries of the Egyptians, Chaldeans and Assyrians*
John Blofeld, *Le bouddhisme tantrique du Tibet*
John Diamond, *Seu corpo não mente*
John White, *Frontiers of Consciousness*
John Woodroffe, *Principles of Tantra*
 Serpent Power
 Shakti and Shakta
 Garland of Letters
 The World as Power
 Hymn to Kali
 Wave of Bliss
 The Greatness of Shiva

Isopanisd
Tantra raja Tantra
Karna kala Vilasa
Mahamaya
The Great Liberation
Hymns to the Goddess
Introduction to Tantra Sastra

Julius Evola, *Yoga Tantrique*

Kukai, *Major Works*

Louis Frédéric, *La danse sacrée*

M. P. Pandit, *Kundalini Yoga*

Lights on the Tantra

Mircea Eliade, *Shamanism*

Mouni Sadhu, *Theurgy*

Mookerjee, *La voie du Tantra*

Murillo N. de Azevedo, *O pensamento do Extremo Oriente*

O outro lado da comunicação de massas

Peter M. Hamel, *Music: The Secret Influence Throughout the Ages*

Philip Rawson, *The Art of Tantra*

Tantra: le culte Indien del'extase

R. Nebesky Wojkowicz, *Oracles and Demons of Tibet*

Ryujun Tajima, *Le deux grandes Mandalas et la Doctrine Shingon*

S. B. Dasgupta, *An Introduction to Tsntic Buddhism*

S. Mayassis, *Mystères et initiations de l'Egypte ancienne*

Takaaki Sawa, *Art in Japanese Esoteric Buddhism*

Thereze Brosse, *La conscience - Energie*

Études instrumentales des techniques du Yoga

Tomio Hirai, *Zen Meditation Therapy*

Tsong-Ka-Pa, *Tantra no Tibete*

W. Y. Evan Wentz, *Tibetan Yoga and Secret Doctrines*

The Tibetan Book of the Great Liberation

O livro tibetano dos mortos

Milarepa - História de um iogi tibetano

Yusho Myassaka, *O budismo esotérico*